

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**TESTE DE ASSOCIAÇÃO IMPLÍCITA: O CASO DO
INTERESSE SEXUAL EM CRIANÇAS**

Marco dos Reis Guerreiro Schaap

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Secção de Cognição Social Aplicada

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**TESTE DE ASSOCIAÇÃO IMPLÍCITA: O CASO DO
INTERESSE SEXUAL EM CRIANÇAS**

Marco dos Reis Guerreiro Schaap

**Dissertação Orientada pelo Professor Doutor Mário Augusto Boto Ferreira
E Co-orientada pela Professora Doutora Cristina Branca Bento de
Matos Soeiro Correia Teles**

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Secção de Cognição Social Aplicada

2016

RESUMO

O Teste de Associação Implícito (IAT) inicialmente proposto por Greenwald, McGhee e Schwartz, (1998), pode ser usado para avaliar o interesse sexual em crianças providenciando uma medida complementar com elevado potencial na avaliação do interesse sexual desviante, distinguindo entre grupos de agressores sexuais de crianças e população não agressora (eg. Mihailides 2003; Gray, Brown, MacCulloch, Smith, and Snowden, 2005; O’Ciardha, 2010).

A presente dissertação explora o potencial de utilização de ferramentas da Cognição Implícita, especificamente o IAT, na avaliação do interesse sexual em crianças e na presença da distorção cognitiva *Uncontrollability*. Para atingir estes objetivos foram conduzidos dois estudos com dois IATs criados para o efeito.

No primeiro estudo (amostra de 60 participantes obtida através da plataforma MturK), testámos os IATs criados, obtendo efeitos negativos moderados no IAT Criança/Sexual ($D = -.55$; $SE = .062$) e um efeito negativo muito baixo no IAT Controlo/Sexual ($D = -.189$; $SE = .058$). O segundo estudo testou a uma amostra de inspetores e técnicos, que têm uma exposição prolongada a pornografia infantil na sua profissão, comparando-os com uma amostra universitária de modo a explorar a sensibilidade dos IATs criados à mera exposição a pornografia infantil na ausência de interesse sexual desviante. Não se verificaram diferenças entre os dois grupos nos efeitos dos IATs. O IAT Criança/sexual revelou novamente efeitos negativos moderados ($D = -.657$; $SE = .059$), no IAT Controlo/Sexual o efeito foi fraco ($D = -.043$; $SE = .091$).

Foram ainda recolhidas medidas acerca do consumo de pornografia e exposição a pornografia de crianças e realizada uma análise exploratória de uma possível influência das mesmas nas associações implícitas obtidas no IAT.

Palavras-Chave: IAT, Interesse Sexual em Crianças, Cognição Implícita, Distorções Cognitivas.

ABSTRACT

The Implicit Association Test, initially proposed by Greenwald, McGhee e Schwartz (1998), that assesses sexual interest in children provides high potential has a complementary venue in assessing deviant sexual interest, distinguishing groups of child sexual offenders from non offending (eg. Mihailides 2003; Gray, Brown, MacCulloch, Smith, and Snowden, 2005; O’Ciardha, 2010). They are easy to apply, low-cost and fast procedures.

This dissertation aims to explore the potential of using Implicit Cognition tools, namely the IAT to assess sexual interest in children and the presence of uncontrollability cognitive distortion. To achieve this goal we conducted two studies with a Child/Sexual IAT and a Control/Sexual IAT.

In our first study, with a sample of 60 participants from Mturk platform, we tested the created IATs and we found a negative moderate effect in the Child/Sexual IAT ($M = -.55$; $SE = .062$) and a negative small effect on the Control/Sexual ($M = -.189$; $SE = .058$). In our second study we used a sample of 14 inspectors and technicians, that have a extended exposure to child pornography as a part of their profession, and compared it to a university sample, to assess the sensitivity of the created IATS. We found no differences between the two groups in the Child/Sexual IAT score. Still the scores on the Child/Sexual IAT produced moderate negative effects ($D = .657$, $SE = .059$) has te scores for the Control/Sexual produced a week negativa effect ($D = -.043$; $SE = .091$).

Data about frequency of pornography consumption and exposure to online child pornography was also retrieved to assess their impact on the tested cognitive assosciations.

Keywords: IAT, Sexual Interest in Children, Implicit Cognition, Distorted Cognitions.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Mário Boto Ferreira
à Professora Doutora Cristina Soeiro
à minha Mãe
à colega Cristina Mendonça
à escola de Polícia Judiciária e especificamente ao Gabinete de Psicologia
À Margarida Pereira
ao fiel Grupo de Cartadas na Faculdade
ao Departamento de Cognição Social Aplicada da Faculdade
ao Professor Doutor Caólite Ó Ciardha
à Carolina Custódio
à Família e Amigos

E a todos os que de alguma forma me desafiaram, inspiraram e essencialmente apoiaram em momentos cruciais,
a todos os que tornaram possível a minha concretização e desenvolvimento pessoal e académico em simultâneo.
Sem vocês eu não seria possível.
Espero sinceramente orgulhar-vos.

Índice

RESUMO.....	i
ABSTRACT	ii
Resumo alargado.....	1
I. Cognição Implícita: um campo emergente na Psicologia Aplicada	4
1.3 Distorções Cognitivas, Esquemas e Teorias Implícitas	5
1.3.2 O Modelo de Julgamento das Distorções Cognitivas (JMCD, Ward, Gannon & Keown, 2006; Ward <i>et al.</i> , 2007)	7
1.4.1 Interesse Sexual Desviante	9
a) O significado da preferência sexual.....	9
1.4.2 Interesse Sexual e Cognição: Memória e Processamento de Informação.....	10
1.3.1 Esquemas e distorções cognitivas na explicação do interesse sexual em crianças....	12
1.4 O papel do Interesse Sexual na agressão Sexual de Crianças.....	15
1.5 Exposição Repetida a Conteúdos que apelam ao sexo com crianças em indivíduos sem interesse sexual em crianças.	16
Capítulo II. O TESTE DE ASSOCIAÇÃO IMPLÍCITA	18
2. Utilidade da Cognição Implícita na medição do interesse sexual desviante	18
2.1 Teste de Associação Implícita (IAT; Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998).....	18
2.2 IAT e o Interesse Sexual em Crianças	21
2.2.3 O que visam os IAT descritos?	23
2.3 Objetivos Gerais e hipóteses.....	24
Hipóteses:	25
III. Estudos Experimentais	26
3.1 Enquadramento.....	26
3.2 Estudo I – Implicit Association Test: Associações Criança-Sexual e Controlo Sexual numa amostra recolhida na plataforma Mturk	27
3.2.1 Procedimento.....	27
3.2.3 Materiais e Design	28
3.2.3.1 Medida Complementar – CPUI 9 + social	29
3.3 Participantes	30
3.3.1 Caracterização da Amostra	30
3.3.2 Caracterização do consumo de pornografia e Exposição á Pornografia Infantil na Amostra	30
3.4 Resultados.....	31
3.4.1 Medição das Atitudes Implícitas	31
3.4.2 Relação entre medida explícita e medida implícita	33
3.4.3 Medidas complementares	34
3.5 Discussão – Estudo I.....	35
3.6 Estudo II – IAT Criança/Sexual e Controlo/Sexual: em Inspetores/Técnicos que contactam com pornografia Infantil (comparados a amostra universitária).	37
3.6.1 Procedimento.....	37
3.6.1.1 Materiais e Design	37
3.6.2 Participantes	38
3.6.2.1 Caracterização da Amostra	38

3.6.3 Caracterização do consumo de pornografia e exposição a pornografia infantil nos grupos técnicos e inspetores e amostra universitária	38
3.7 Resultados Estudo II	40
3.7.1 Medição das Atitudes Implícitas	40
3.7.2 Relação entre variáveis: idade do parceiro ideal sexual e amoroso e efeitos do IAT Criança/Sexual.	44
3.7.3 Medidas complementares	45
3.7.3.1 Itens das distorções cognitivas	45
3.7.3.2 CPIU 9 – Inventário de uso de Cyber Pornografia	46
3.8 Discussão do Estudo II	47
Limitações	48
IV Discussão Geral	49
4.1 Limitações Gerais.....	51
4.2 Sugestões para o futuro	52
V Conclusões	53

Índice de Tabelas

Tabela 1 - FORMATO DE APRESENTAÇÃO DOS BLOCOS	29
Tabela 2 - CONSUMO DE PORNOGRAFIA EM FUNÇÃO DO GÊNERO	Erro!
Marcador não definido.	
Tabela 3 – ANÁLISE DOS TEMPOS MÉDIOS DE LATÊNCIA (MS) POR BLOCOS E PERCENTAGENS DE ERRO POR CADA PAR DE BLOCOS	32
Tabela 4 – NÍVEIS MÉDIOS DA IDADE IDEAL DO PARCEIRO SEXUAL E DO PARCEIRO ROMÂNTICO REFERIDAS PELOS PARTICIPANTES.....	34
Tabela 5 – CONSUMO DE PORNOGRAFIA EM FUNÇÃO DO GRUPO	39
Tabela 6 – TEMPO MÉDIO DE VIZUALIZAÇÃO DE PORNOGRAFIA E FREQUÊNCIA DE VIZUALIZAÇÃO EM FUNÇÃO DO GRUPO	39
Tabela 7 - TEMPOS DE LATÊNCIA E FREQUÊNCIAS DE ERRO NO GRUPO INSPETORES E TÉCNICO	41
Tabela 8 - LATÊNCIA MÉDIAS E FREQUÊNCIA DE ERROS DO GRUPO AMOSTRA UNIVERSITÁRIA	Erro! Marcador não definido.
Tabela 9 - MÉDIAS E DESVIO-PADRÃO DA IDADE IDEAL DO PARCEIRO SEXUAL E DO PARCEIRO ROMÂNTICO NA AMOSTRA UNIVERSITÁRIA E NO GRUPO DE INSPETORES E TÉCNICOS.....	45
Tabela 10 – VALORES MÉDIOS NO INVENTÁRIO DE USO CYBER PORNOGRAFIA NOS INSPECTORES E TÉCNICOS E NA AMOSTRA UNIVERSITÁRIA.....	46
Tabela 11 – MÉDIAS DE REPRESENTATIVIDADE DAS PALAVRAS FACE À CATEGORIA CORRESPONDENTE.....	63
Tabela 12 – CONJUNTO DE PALAVRAS ESTÍMULO POR CATEGORIA	64
Tabela 13 – CORRELAÇÕES ENTRE IDADE DO PARTICIPANTE, A IDADE IDEAL DO PARCEIRO SEXUAL, A IDADE DO E O EFEITO DO IAT CRIANÇA/SEXUAL (ESTUDO 1)	65
Tabela 14 – CORRELAÇÕES ENTRE O CPUI9, A FREQUÊNCIA E O TEMPO DE CONSUMO DE PORNOGRAFIA NO ESTUDO 1	66

Tabela 15 – CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS IDADE DO PARTICIPANTE, IDADE IDEAL DO PARCEIRO SEXUAL, IDADE IDEAL DO PARCEIRO ROMANTIO E EFEITO DO IAT CRIANÇA/SEXUAL NO ESTUDO II	67
Tabela 16 – CORRELAÇÕES ENTRE O ÍNDICE DE DISTORÇÃO E O EFEITO DO IAT CRIANÇA/SEXUAL NO ESTUDO II.....	68
Tabela 17 – MÉDIAS E DESVIOS-PADRÃO DA DISTORÇÃO COGNITIVA NO ESTUDO II	68
Tabela 18 - CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS FREQUENCIA SEMANAL DE CONSUMO DE PORNOGRAFIA, TEMPO DE VISUALIZAÇÃO E CPUI9 TOTAL NO ESTUDO II	69

Índice de Figuras

Figura 1 – Distribuição dos tempos de Latência médios por cada Bloco de Ensaios.....	33
Figura 2 – Distribuição dos tempos de latências em cada Bloco de ensaios em função do Grupo.	41
Figura 3 - Distribuição dos Dscores na Amostra Universitária e nos Inspetores e Técnicos	44

Índice de Apêndices e Anexos

Apêndice I - Pré-Teste: Folha de recolha de Palavras-Estímulo	62
Apêndice II – Pré-teste: Pré-teste: avaliação das médias de representatividade para cada estímulo.....	63
Apêndice III – CONJUNTO DE PALAVRAS-ESTÍMULO POR CADA CATEGORIA NOS IATS TESTADOS	64
Apêndice IV - Correlações entre Idade, medida explícita e Efeito do IAT Criança/Sexual no Estudo I.....	65
Apêndice V - Correlações entre o CPUI 9, a frequência de consumo de pornografia e o tempo de visualização de cada vez no estudo I.....	66
Apêndice VI – Correlações entre a Idade do participante, a medida explícita e o efeito do IAT Criança/Sexual no estudo II	67
Apêndice VII – Correlação entre o Índice de distorção e o Efeito do IAT Criança/Sexual no estudo II.....	68
Apêndice VIII – Correlação entre o CPUI9, a frequência semanal de consumo e o tempo de visualização de pornografia no estudo II	69
 Anexo I - Consentimento informado na plataforma SoSci	70
Anexo II - Modelo de Instruções online dadas aos Participantes	71

Resumo alargado

Nem todos os agressores sexuais de crianças têm um interesse sexual exclusivo em crianças. Porém, o interesse sexual exclusivo em crianças é o fator de risco de reincidência mais apontado na literatura (e.g.. Hanson, 2005; Seto & Lalumière, 2001) e é considerado o melhor preditor singular (quando medido por pletismografia peniana [PPG]) da reincidência sexual (Hanson & Bussière, 1998). Contudo, o PPG é apontado como um procedimento tecnicamente exigente, intrusivo, eticamente sensível, de custo elevado, e falível caso não sejam aplicados procedimentos preventivos (Harris, Rice, Cormier & Quinsey 1998; Kalmus & Beech, 2006). Apesar disto, estabelecer o grau de interesse sexual em crianças é de extrema importância, tendo implicações ao nível da avaliação de risco de reincidência criminal e estabelecimento da abordagem clínica (Ó Ciardha, 2010).

Neste contexto, as medidas de associação implícita ou indiretas da avaliação de risco de reincidência criminal apresentam um potencial elevado como ferramenta complementar na avaliação do interesse sexual desviante, contribuindo para distinguir populações de agressores sexuais de crianças de populações de indivíduos não-agressores (eg. Mihailides 2003; Gray, Brown, MacCulloch, Smith, and Snowden, 2005; O’Ciardha, 2010).

A presente dissertação explora a utilidade de uma medida da cognição implícita, ou medida indireta, na avaliação do interesse sexual em crianças e da presença da distorção cognitiva *uncontrolability*, o *Implicit Association Test* (IAT) inicialmente proposto por Greenwald, McGhee e Schwartz, (1998) e posteriormente adaptado para a temática em causa: avaliação do interesse sexual desviante. Para tal, são utilizados micro-conceitos presentes nas distorções cognitivas (ou teorias implícitas) geralmente apoiadas pelos indivíduos com interesse sexual em crianças, mais especificamente, micro-constructos presentes nas teorias implícitas a criança como ser sexual e *Uncontrolability*, ou seja, a perda de controlo associada à excitação sexual. Estes micro-constructos sustentam o processo de criação dos IATs para os estudos realizados.

Apesar do objetivo experimental referido, este apenas pode ser atingido num futuro próximo, recorrendo a uma amostra prisional de indivíduos condenados por consumo de pornografia infantil ou agressão sexual de crianças. Ainda assim, a presente dissertação contempla a aplicação dos IATs criados a indivíduos com preferência por

parceiros sexuais adultos, permitindo explorar algumas hipóteses iniciais e estabelecendo um padrão de comparação em relação a indivíduos que manifestam interesse sexual por crianças, como é exemplo a amostra prisional referida. Deste modo espera-se que indivíduos com interesse sexual em adultos demonstrem maiores associações entre adulto e sexual, tal como criança e não sexual, estas associações devem refletir-se no efeito do IAT Criança/Sexual. O IAT Controlo/Sexual é utilizado a nível exploratório, no entanto, não se esperam fortes associações entre perda de controlo e sexual tal como controlo e não sexual na ausência da distorção cognitiva visada.

No primeiro estudo, recorremos a uma amostra 60 participantes através da plataforma MturK, testando os IATs criados para o efeito, encontrámos efeitos negativos moderados no IAT Criança/Sexual ($D = -.55$; $SE = .062$) e um efeito negativo muito fraco no IAT Controlo/Sexual ($D = -.189$; $SE = 0,058$).

O segundo estudo recorreu a uma amostra de inspetores e técnicos da polícia, que que no âmbito da sua profissão têm contacto frequente com pornografia infantil, comparando-o com uma amostra académica, de modo a explorar a sensibilidade dos IATs criados. A existência de uma relação entre a exposição repetida e os efeitos do IAT, poderia introduzir limites relevantes à utilização desta metodologia na avaliação do interesse sexual desviante. Não se verificaram, no entanto, diferenças significativas entre os dois grupos relativamente aos efeitos dos IATs. Em geral, o IAT Criança/sexual revelou novamente efeitos negativos moderados ($D = -.657$; $SE = .059$), no IAT Controlo/Sexual o efeito foi fraco ($D = -.043$; $SE = .091$). Foram ainda recolhidos dados acerca do consumo de pornografia, vício percebido e exposição a pornografia de crianças de modo a realizar uma análise exploratória de possíveis influências das mesmas nas associações implícitas testadas.

Os resultados dos estudos parecem indicar de forma transversal uma maior associação entre os conceitos na condição incongruente do IAT Criança/Sexual (ou seja, quando Criança e Não Sexual e Adulto e Sexual estão emparelhados) face à condição congruente, em indivíduos com interesse sexual em adultos, traduzindo-se numa maior celeridade na categorização de conceitos na condição referente, no entanto não são encontradas correlações com a medida explícita escolhida. O consumo de pornografia parece não apresentar relação com as cognições implícitas testadas. Porém no segundo estudo são encontradas relações entre a frequência de consumo de pornografia e a escala de vício à pornografia: Cyber Pornography Use Inventory 9 (CPUI 9, versr Pornography Use Inventory 9 (CPUI 9, ções entre a frequência de consumo de

pornografia e a na versornography Use Inventory 9 (CPUI Os resultados destes estudos são discutidos em pormenor na Discussão Geral da a presente dissertação.

Ressalva-se que a tendência contrária, ou seja uma maior associação dos conceitos criança e sexual tal como adulto e não sexual, será esperada nos consumidores de pornografia infantil ou agressores com interesse sexual em crianças, e em indivíduos que revelem a presença das distorções cognitivas relativamente à criança como ser sexual mesmo não apresentado interesse sexual exclusivo em crianças.

Em termos de organização da informação o Capítulo I centra-se na revisão de literatura referente à Cognição Implícita e Interesse sexual desviante, abordando as teorias implícitas geralmente apresentadas pelos agressores sexuais de crianças e a sua relação com o interesse sexual. No capítulo II é abordada a metodologia do IAT, a sua utilização neste contexto, as principais limitações metodológicas e os principais benefícios. O Capítulo III contempla as fases experimentais: o primeiro estudo (amostra Mturk), o segundo estudo (Amostra Universitária e Técnicos e Inspetores), a discussão dos Resultados obtidos, conclusões e perspectivas futuras.

I. Cognição Implícita: um campo emergente na Psicologia Aplicada

Muitas facetas do comportamento humano, antes explicadas á luz de um processo de raciocínio puramente deliberado, são hoje vistas como resultando, em grande medida, de processos automáticos que ocorrem fora do raciocínio consciente (Greenwald & Bananji, 1995; Wilson, Lindsay & Schooler, 2000). A cognição implícita refere-se a estes processos cognitivos que não são acessíveis através de autorrelatos e da introspecção, ou seja, fora do campo da consciência (Underwood, 1996). Os processos implícitos interagem com os processos conscientes (cognições deliberadas) na produção do comportamento do indivíduo. Deste modo, o nosso comportamento resulta não apenas do que sabemos acerca de nós mesmos, do mundo e dos outros, mas também dos enviesamentos/crenças/esquemas que escapam ao campo da nossa consciência (Ó Ciardha, 2010) mas que guiam os processos de atenção, memória e seleção da ação.

A identificação de processos cognitivos implícitos resulta frequentemente da utilização de medidas implícitas (e.g. *Implicit Association Test*, IAT; Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998; Gray, MacCulloch, Smith & Snowden, 2005) que geralmente são comparadas com as atitudes explícitas (e.g., autorrelato).

O uso de medidas de autorrelato apresenta limitações consideráveis. Quando os seus resultados do autorrelato contradizem o comportamento percebido, não é claro se o indivíduo se estava a apresentar de uma certa maneira (favorável ou desfavorável) no entanto consciente da sua atitude (enviesamento de *self-presentation*), ou se havia realmente um conflito interno entre a sua crença/esquema/enviesamento implícito/o e a sua atitude explícita. Ou seja, as técnicas de autorrelato tornam-se altamente suscetíveis ao *faking*, especialmente em contextos onde o indivíduo está motivado para tal, como é o caso do contexto forense.

De forma semelhante a utilização de medidas implícitas para provar a existência de cognições implícitas pode tornar-se problemática. Se a medida implícita, que resulta num comportamento, contraria o autorrelato, poderá estar em causa o mesmo enviesamento de *self-presentation* que o autorrelato revela, no entanto, pela natureza das tarefas, estas formas de medida, são geralmente muito resistentes ao *faking*. Permanece também pouco claro se as associações/enviesamentos identificados pelos

métodos implícitos serão acessíveis através da introspecção, mas censurados ou não no autorrelato.

Dehower (2001), afastou termos como implícito, quando se aborda as medidas ou tarefas suprarreferidas, utilizando a terminologia “indireto”. Permitindo assim evitar a assunção de que estas tarefas possibilitam medidas de cognição inacessíveis à consciência do próprio indivíduo. Para os efeitos da presente investigação é suficiente afirmar que as tarefas utilizadas demonstram o potencial para medir cognições que o indivíduo pode ou não aceder através da introspecção mas que não são imediatamente dadas pela introspecção ou cognição explícita.

Nas cognições medidas na presente investigação pressupõe-se existir sobreposição de esquemas cognitivos (opacos à introspecção) e o interesse sexual. De seguida iremos abordar como ocorre esta sobreposição.

As metodologias da cognição implícita e designadamente o IAT, têm sido recentemente utilizadas na área da psicologia forense, no estudo de interesse sexual em crianças (e.g. Banse, Schmidt, & Clarbourn, 2009; Brown, Gray, & Snowden, 2009; Gray, Brown, MacCulloch, Smith, & Snowden, 2005; Mihailides, Devily, & Ward, 2004; Nunes, Firstone & Baldwin, 2007) permitindo a distinção entre agressores sexuais de crianças e outros agressores sexuais, tal como, população não-agressora. A presente dissertação apresenta-se como um primeiro passo no estabelecimento de um instrumento de medida da cognição implícita, em português, para a avaliação do interesse sexual em crianças e da presença da distorção cognitiva

1.3 Distorções Cognitivas, Esquemas e Teorias Implícitas

As estruturas cognitivas são definidas à luz do conceito de esquema, este representa uma estrutura de atitudes, crenças e pressupostos que dirigem a atividade cognitiva, como por exemplo o processamento de eventos (Beck, 1999). Um esquema contém crenças fundamentais do indivíduo acerca de ele próprio, da sua relação com o mundo exterior e da relação com os objetos externos específicos (Huesmann, 1988; Malamuth, Sockloskie, Koss, & Tanaka, 1991; Maruna & Mann, 2006). As teorias implícitas constituem-se como esquemas cognitivos (Ward, 2000) e se forem desadaptativas podem dar origem a distorções cognitivas relacionadas com a natureza do próprio, dos outros e do mundo.

As distorções cognitivas são um conceito essencial na compreensão do interesse sexual desviante, especialmente quando o foco deste são crianças (ex. Ó Ciardha, 2010). A literatura na área da agressão sexual de crianças tem-se focado no papel das cognições como fator importante na iniciação, manutenção e escalada do comportamento sexual abusivo (ex. *The Integrated Theory of Sexual Offending*, Ward & Beech, 2006; *The Schema Based Model of Sexual Assault*, Mann & Beech, 2003) tal como no papel do interesse sexual por crianças para a reincidência criminal violenta (ex. Seto & Lalumiere, 2010).

O conceito de distorções cognitivas é estabelecido inicialmente por Abel *et al.* (1989), defendendo que a agressão sexual é um conceito de tal ordem socialmente hediondo, que os agressores têm de se adaptar com justificações, negações ou minimizações das suas ações, através de artifícios cognitivos. A compreensão dos processos cognitivos subjacentes à iniciação, manutenção e justificação da agressão sexual são um pré-requisito para a compreensão da mesma (Ward *et al.*, 1997). Estas teorias implícitas desadaptativas são utilizadas para interpretar, compreender e prever o comportamento das crianças auxiliando o planeamento e execução das agressões sexuais (Ward & Keenan, 1999). Atualmente existem duas abordagens na avaliação das distorções cognitivas:

- 1) medidas explícitas como escalas psicométricas [eg. Abel and Becker Cognition Scale (ABCS, Abel *et al.* 1984; Molest, Bumby, 1996], onde a presença de crenças que apoiam a agressão é deduzida de respostas a itens num questionário.
- 2) medidas implícitas (e.g. *Implicit Association Test*, IAT; Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998; Gray, MacCulloch, Smith & Snowden, 2005), onde a presença de crenças que apoiam a agressão é deduzida pelas diferenças nas latências de respostas.

No entanto as definições de distorções cognitivas são algo amplas e vagas, resultando num conceito onde o termo e o significado continuam ambíguos (Blake & Gannon, 2008). Uma forma mais útil de definir as cognições envolvidas no interesse sexual desviante poderá ser em termos de estruturas cognitivas (e.g. Esquemas ou Teorias implícitas), processos ou operações (e.g. processamento de informação) e produtos cognitivos (e.g. autoafirmações, crenças e atributos) (Ward, Hudson, Johnston & Mashall, 1997). É nestes produtos cognitivos que se englobam as principais

distorções cognitivas referidas por Ward & Beech (2006) relacionadas com a agressão sexual de crianças que serão discutidas de seguida.

Tem sido vasta a investigação que pretende medir e identificar os produtos cognitivos que os agressores sexuais de crianças apresentam. Adicionalmente as intervenções de tratamento que apresentam maior eficácia provêm da literatura da Terapia Cognitivo Comportamental, que assume que as cognições têm um papel essencial no comportamento (Ward & Beech, 2006). Porém, existia até recentemente, uma falha de investigação no que respeita à definição do termo distorção cognitiva (Ó Ciardha, 2011), especialmente na diferenciação de produtos, processos e estruturas (Mann & Beech, 2003; Ward *et al.* 1997). De modo a perceber o fenómeno da cognição distorcida entre indivíduos com interesses sexuais em crianças os investigadores supramencionados assentam o termo na base teórica da cognição social e da terapia cognitiva. Especificamente, as distorções cognitivas associadas ao interesse sexual por crianças e adolescentes têm sido englobadas em esquemas cognitivos, que representam heurísticas utilizadas pelos indivíduos na interpretação do ambiente social.

Os esquemas são “estruturas dentro da memória que guiam a atenção, informam as nossas perceções e inferências, e permitem economizar energia providenciando atalhos na interpretação de situações sociais face às nossas capacidades de processamento. Assim os esquemas são estruturas, que afetam os nossos processos cognitivos.” (Mann & Beech, 2003, pg.139). Três teorias utilizam esquemas para explicar a presença de distorções cognitivas nos indivíduos com interesse sexual em crianças: *Ward’s Implicit Theories* (Ward , 2000; Ward & Keenan, 1999); *Mann & Beech Schema-based model* (Mann & Beech, 2003); e finalmente a revisão de Ward, Gannon e Keown’s do modelo das teorias implícitas, o modelo de julgamento das distorções cognitivas (Ward, Gannon, & Keown, 2006; Ward *et al.*, 2007). Este último modelo é discutido seguidamente, por apresentar algumas vantagens na definição da origem da distorção cognitiva, estabelecimento do conceito, diferenciando produtos de processos e na sua interação com o interesse sexual desviante.

1.3.2 O Modelo de Julgamento das Distorções Cognitivas (JMCD, Ward, Gannon & Keown, 2006; Ward *et al.*, 2007)

Existe pouca clareza em torno da conceptualização de esquemas e distorções cognitivas. Em que circunstâncias é que as distorções cognitivas são primariamente

geradas por esquemas desadaptativos subjacentes e em que circunstâncias se revelam produtos de um processamento cognitivo disfuncional? O JMCD, discutido seguidamente, procurar responder de forma a integrada a estas questões.

O JMCD (Ward, Gannon & Keown, 2006; Ward et al., 2007) apresenta-se como um modelo compreensivo das distorções cognitivas na agressão sexual de crianças. Este aborda as mesmas de três formas diferentes através das quais os indivíduos podem avaliar ou emitir julgamentos acerca do mundo: Julgamentos baseados em crenças, Julgamentos baseados em valores e Julgamentos baseados na ação.

Julgamentos baseados em crenças são avaliações do mundo que derivam de crenças suportadas pelo indivíduo. Estas alicerçam a compreensão da natureza do próprio indivíduo e do mundo. Os autores defendem que uma racionalidade descuidada durante um longo período de tempo poderá resultar numa crença distorcida. O mesmo processo num menor período de tempo pode confluir numa conclusão errada. A presença de conclusões erradas explica a presença de pensamentos distorcidos temporários responsáveis pela agressão, sem que seja necessário que os agressores apresentem crenças distorcidas.

Julgamentos baseados em valores referem aspetos do indivíduo ou do mundo que são avaliados como negativos ou positivos. A valência está diretamente relacionada com as necessidades básicas humanas. Os autores ressaltam que os agressores sexuais de crianças não valorizam necessariamente as coisas erradas, porém podem tentar obter bens primários (e.g. intimidade) de forma inapropriada. A razão pela qual estas necessidades são obtidas de forma inapropriada integram julgamentos baseados em valores enviesados.

Julgamentos baseados na ação são avaliações feitas como resultado de ações específicas. Este tipo julgamentos engloba as racionalizações *post-hoc* referidas na literatura das distorções cognitivas como justificações de comportamentos sexuais abusivos.

O JMCD tem implicações em como os produtos cognitivos ou afirmações relacionadas com o interesse sexual desviante são interpretadas, no entanto, na prática é necessário o desenvolvimento de metodologias mais sofisticadas que permitam aceder à origem cognitiva das afirmações avaliadas. Apesar das suas limitações o JMCD apresenta uma definição de processos de emissão de julgamentos específicos apelando ao processo que os origina, como os julgamentos baseados em valores que permitem uma conceptualização da sobreposição entre as crenças do indivíduo acerca do mundo

(ex. crenças acerca da criança e da sua capacidade de se envolver em atividades sexuais) e o interesse sexual desviante.

1.4.1 Interesse Sexual Desviante

a) O significado da preferência sexual

McGuire, Carlisle & Young (1965), propuseram que qualquer comportamento sexual desviante era um produto direto de uma preferência sexual desviante. Esta proposta dos autores foi desenvolvida e tornou-se na “hipótese da preferência sexual” (Lalumiere & Quinsey, 1994); ou seja, homens que adotam comportamentos sexuais desviantes, fazem-no, segundo os autores, porque os preferem a comportamentos sexuais socialmente aceitáveis. Operando de uma perspetiva comportamentalista radical, McGuire et al.(2000) sugeriram que o interesse sexual desviante resultava de um condicionamento. O Condicionamento clássico iria postular que este tipo de interesse sexual era adquirido através da experiência corrente de estímulos desviantes e um estado psicológico de excitação sexual. Esta associação seria reforçada através da masturbação com fantasias desviantes (condicionamento operante), ao passo que excitação sexual com estímulos não desviantes iria decrescer com o tempo pela falta de reforço. Devido ao seu tratamento implícito e à componente avaliativa, centrada na avaliação e redução de uma preferência desviante, o condicionamento rapidamente se tornou uma teoria proeminente, e continua a ter grande influência na explicação do desenvolvimento da preferência sexual (Laws & Marshall, 1990).

Modelos mais integrativos como a Teoria Integrada da Agressão Sexual (ITSO, Ward & Beech, 2006) conceptualizam o interesse sexual desviante como um sintoma ou um fator de estado. Este é concebido como um produto da interação entre os três sistemas neuropsicológicos implicados na agressão sexual de crianças. Esta interação envolve uma incapacidade para controlar, de forma eficaz, problemas de humor e vinculação, relacionando-se com o sistema motivacional/emocional. A presença de esquemas disfuncionais, que apelam ao sistema perceptivo e de memória, resultam na ocorrência de fantasias sexuais desviantes e a preocupação excessiva com o comportamento sexual. Finalmente segundo o modelo, falhas na regulação do impulso sexual, implicam novamente, o sistema motivacional/emocional, levando o indivíduo a satisfazer necessidades emocionais através de comportamentos inapropriados (e.g.

sexo). Os fatores referidos, aliados a problemas no controlo do impulso sexual, ao nível do sistema de ação, seleção e controlo poderão conduzir à excitação sexual desviante. Teorias que procuram explicar as causas subjacentes ao interesse sexual desviante apontam para um impacto não apenas do condicionamento, mas também de fatores neurobiológicos, motivacionais e de aprendizagem social (Ward, Polaschek & Beech, 2006).

1.4.2 Interesse Sexual e Cognição: Memória e Processamento de Informação.

A literatura apresenta uma lacuna na explicação da arquitetura cognitiva do interesse sexual desviante. Relativamente ao não-desviante, Spiering & Everaerd (2007) referem que a memória sexual pode estar localizada na memória explícita a longo prazo, através de recordação de encontros sexuais, fantasias, atitudes acerca do sexo, e na compreensão de recompensas e custos sexuais, assim como na memória implícita, através de reflexos sexuais inatos, aprendidos (automatizados), *scripts* sexuais, ou sensações de condicionamento clássico, ou em ambos. Estes constructos de memória interagem originando a resposta cognitiva, emocional e comportamental do indivíduo a estímulos sexualmente salientes. Os autores sugerem que a resposta fisiológica do indivíduo a determinado estímulo é moderada pela memória implícita. Assim, a reação fisiológica de excitação face a crianças pode ser precedida de associações implícitas entre criança e atratividade sexual ou atividade sexual.

Estes componentes encontram paralelos teóricos na ITSO, a recordação de encontros sexuais pode tornar-se problemática, se estes forem com crianças, ou se representam recordações do agressor enquanto a criança estava a ser vitimizada. A ITSO implica o papel do comportamento de agressão sexual de crianças como parte de um *loop* de *feedback* positivo que poderá levar à escalada. O papel da fantasia é igualmente implicado em várias teorias relativas ao interesse sexual desviante (Merdian *et al.* 2013) e agressão sexual presencial (eg. Laws and Mashall, 1990; Finklehor, 1984).

Jassen, Everaerd, Spiering & Janssen (2000) propuseram um modelo de processamento da excitação sexual, que tem em conta os componentes atencional e fisiológico, focando como a informação é percebida, codificada e filtrada. Segundo este o processamento de informação (estímulos sexuais ou potencialmente sexuais) é

automaticamente comparado com representações na memória implícita e explícita (e.g., *scripts* sexuais, memória de encontros sexuais passados). Se ocorre um *match* com os elementos sexuais em memória uma resposta fisiológica é primada (Janssen et al. 2000). A atenção é levada a incorporar o estímulo para permitir o processo de regulação (Spiering et al., 2004). Os autores sugerem que esta ativação resulta na diminuição do tempo de resposta a estímulos sexualmente salientes em tarefas cognitivas, intitulado de “*sexual content induced delay*” (SCID, Geer & Bellard, 1996; Geer & Melton 1997). A atenção que um estímulo pode capturar, depende então da sua capacidade de provocar excitação, o que por sua vez depende dos *matches* com a memória sexual. Uma vez que os mecanismos atencionais são ativos (o que envolve módulos de regulação), está em curso a avaliação consciente do estímulo. É a partir deste nível que a experiência subjetiva de excitação sexual emerge (Spiering et al., 2004). A chegada ao consciente pode ocorrer por duas vias, através das “cognições quentes”, onde a percepção da resposta somática contém um sentimento sexual consciente, ou através das “cognições frias” onde o aumento do foco atencional no estímulo resulta na experiência consciente de excitação.

Os processos das distorções cognitivas podem interagir com o interesse sexual de formas variadas. Se as distorções são utilizadas pelo indivíduo ao nível da interpretação de nova informação, podem estar intrinsecamente ligadas ao processo de codificação de memórias implícitas ou explícitas, associado à excitação. O processo inverso também é legítimo, na medida em que, a excitação sexual desviante (especialmente esquemas, fantasias e memórias de encontros sexuais passados, se desviantes) podem reforçar ou fixar as distorções cognitivas. Assim sendo, as teorias implícitas e o interesse sexual desviante podem partilhar esquemas distorcidos em comum, tal como envolver mecanismos de causalidade ou manutenção de um em relação ao outro. De facto, a excitação sexual, desviante ou não, poderá levar o sujeito a adotar atalhos cognitivos ou até mesmo recorrer a racionalidade distorcida na tomada de decisão.

Algumas anormalidades na rede de memória do indivíduo podem permitir comportamentos sexuais problemáticos não sendo o suficiente para que esse indivíduo seja sinalizado como sexualmente desviante (apesar de apresentar *scripts* sexuais e esquemas distorcidos). Complementariamente é provável que existam indivíduos com distorções cognitivas que envolvem a criança e/ou a controlabilidade do seu próprio desejo sexual sem que isto implique a presença de um interesse sexual desviante. Não

parece possível no entanto, a existência de um interesse sexual em crianças que não comporte distorções cognitivas como causa ou resultado desse mesmo interesse (O' Ciardha, 2010).

1.3.1 Esquemas e distorções cognitivas na explicação do interesse sexual em crianças

Como suprarreferido, esquemas são cognições profundas que apenas podem ser acedidas indiretamente através dos seus produtos cognitivos (Kwon & Oei, 1994; citado por Ward, Polaschek & Beech, 2006). Apenas algumas das distorções cognitivas identificadas na investigação representam de facto produtos cognitivos (Ward, 2000) e pressupõe-se serem representativas de esquemas cognitivos subjacentes. Ward & Keenan (1999) introduziram teorias implícitas que poderiam estar presentes nos agressores sexuais de crianças, através de uma análise de conteúdo de fichas clínicas dos casos de agressores sexuais, estas teorias implícitas apresentam uma contribuição inigualável na compreensão do interesse sexual por crianças. Desta extração resultaram cinco teorias implícitas que foram condensadas em vários instrumentos de medida (Abel, Becker & Cunningham, 1984; Bumby, 1996; Hanson, Gizzarelli & Scott, 1994), estudos de entrevista (Neidigh & Krop, 1992; Ward, Fon, Hudson, & McCormack, 1998) e em trabalhos de revisão (Ward *et al.*, 1997). As cinco teorias implícitas propostas são seguidamente explanadas:

- *Nature of Harm*: refere-se á negação de consequências negativas provenientes da atividade sexual. Frequentemente agressores que apresentam esta distorção cognitiva consideram benéfico a iniciação da atividade sexual das crianças pelas suas próprias mãos. (e.g, A introdução da atividade sexual é benéfica para a aprendizagem das crianças.)
- *Uncontrollability*: desresponsabilização do controlo da ação ou do desejo sexual, a agressão sexual surge no âmbito de fatores externos e fora do controlo do agressor. Refere-se a crenças de que a vida é demasiado caótica para o controlo do sujeito (ex. Muitas vezes a atividade sexual não é planeada, apenas acontece).

- Criança como ser sexual: a criança é vista como tendo iniciativa e curiosidade sexual, podendo a mesma decidir se deseja, ou não, o contacto sexual e instigar o mesmo. Um agressor com este tipo de distorção cognitiva poderá interpretar ações regulares da criança como sexualmente provocativas. Existe uma delegação da responsabilidade do ato, tal como na distorção anterior, porém só parcialmente.
- *Entitlement*: as crianças devem subjugar-se aos desejos do agressor. Este acredita que as suas características pessoais ou estatuto social o colocam numa posição de superioridade, assim os seus desejos assumem maior peso face aos de outros.
- *Dangerous World*: refere-se à crença de que o mundo é perigoso, extremamente agressivo e hostil, apenas as crianças são boas, pois são inocentes e incapazes de mentir. O agressor acredita que se deve resguardar do perigo do mundo nas relações que estabelece com crianças (vistas sempre como inocentes e aceitantes), ou ripostar face aos perigos do mundo manipulando os adultos e as crianças que conseguir.

As teorias implícitas identificadas nos agressores sexuais de crianças pelos autores representam a maioria dos produtos cognitivos reportados pela investigação até à data. Explicam a maioria das 38 distorções cognitivas referidas por Neidih e Krop (1992) e pela análise qualitativa das entrevistas a agressores sexuais de Marziano, Ward, Beech & Pattison (2006).

Presume-se que as crenças implícitas e desejos (e.g., motivação) têm impacto na organização da memória semântica dos agressores sexuais (Mihailides, 2003) guiando o processamento de informação em memória. Os mecanismos de processamento de informação influenciados pela cognição implícita podem providenciar uma avenida de estudo das estruturas cognitivas que previnem algumas das problemáticas associadas ao estudo dos produtos cognitivos por si só (Langton, 2007; Mann & Beech, 2003; Segal & Stermac, 1990; Ward et al., 1997). A influência das teorias implícitas na rede de associação semântica é o conceito base na utilização de métodos de associação, permitindo avaliar a associação entre alvos e atributos (micro-constutos presentes nas teorias implícitas). A partir destes infere-se a orientação dos esquemas implícitos subjacentes (macro-constutos) por medidas de força associativa.

Com este propósito têm sido utilizados métodos implícitos que potencialmente revelam as teorias implícitas propostas (Banse, Schmidt, & Clarbour, 2009; Brown, Gray, & Snowden, 2009; Gray, Brown, MacCulloch, Smith, & Snowden, 2005;

Mihailides, Devily, & Ward, 2004; Nunes, Firstone & Baldwin, 2007). Na literatura apenas Mihailides et al. (2004) avaliaram três das cinco teorias implícitas propostas, encontrando evidência no sentido esperado, ou seja, com os agressores sexuais de crianças demonstrando maiores efeitos (maior força associativa) nos testes de associação Implícita (*Child as sexual being, Uncontrollability e Entitlement*) face a outros agressores e a população não agressora.

Gannon (2005, 2006, 2007) verificou a presença de distorções cognitivas em agressores sexuais de crianças (Gannon, 2006; Gannon, Kewon, & Polascheck, 2007; Gannon & Polaschek, 2005; Gannon, Wright, Beech, & Williams, 2006). Em contrapartida, os seus resultados são algo mistos na diferenciação entre agressores sexuais, indicando uma distribuição de distorções cognitivas não muito clara em grupos de agressores específicos. Por exemplo, no estudo de Gannon, Wright, Beech, & Williams (2006) o grupo de agressores sexuais de crianças intrafamiliares não demonstravam mais indicadores de distorções cognitivas das teorias implícitas de Ward e Keenan (1999) face à população não agressora.

Mann e Beech (2003) delinearam um segundo modelo assente no contributo das distorções cognitivas para agressão sexual. O modelo em si não representa uma oposição às teorias implícitas de Ward e Keenan (1999); de facto inclui as mesmas como esquemas cognitivos. Mann e Beech (2003), partindo da teoria da depressão de Beck (1979) esquematizam uma estrutura, na qual as experiências de desenvolvimento conduzem à presença de categorias disfuncionais e em crenças/esquemas que interagem com eventos negativos ou ambíguos da vida, guiando (enviesando) o processamento de informação. Os autores conceptualizam o contributo dos esquemas como componentes interativos, a par de fatores desenvolvimentistas que culminam no comportamento sexual agressivo, negando a conceção dos mesmo como força motriz da agressão sexual de crianças. Fatores mencionados incluem o interesse sexual desviante, fraca capacidade de manutenção do conflito e solidão emocional. A vantagem deste modelo é a inclusão dos termos vagos de distorção cognitiva de Mann e Beech (2003) e a sua integração na literatura cognitiva, diferenciando estruturas de produtos cognitivos. Apesar de vantajoso este modelo também sofre de algumas limitações (e.g., o facto de salientar em demasia eventos negativos da vida e o facto de postular que os esquemas apenas são acessíveis de forma cronológica). A ativação dos esquemas, segundo o modelo, depende da sua afetividade, não estando necessariamente sempre acessíveis (Marshall, Marshall, Serran, & Fernandez, 2006).

1.4 O papel do Interesse Sexual na agressão Sexual de Crianças

Nem todos os indivíduos que agredem sexualmente crianças têm preferência sexual por crianças, não obstante uma percentagem dos agressores sexuais de menores parece ter interesse sexual em crianças (Seto, 2008), podendo este ser exclusivo ou não (e.g., interesse sexual em crianças e adolescentes).

Como a preferência sexual desviante não era observada, de forma empírica, em grandes grupos de agressores sexuais de crianças, Groth e Birnbaum (1978) apresentaram a dicotomia que distinguiu os agressores pela sua preferência sexual por crianças ou por adultos. Os agressores “fixados” tinham maior interesse sexual por crianças, enquanto que os agressores sexuais “regredidos” tinham maior interesse sexual por adultos. Do mesmo modo, os agressores “fixados” agrediam maioritariamente estranhos e conhecidos fora da família, enquanto os agressores “regredidos” eram tipicamente incestuosos. O modelo dos autores propunha que o interesse sexual é maioritariamente uma consequência de fatores psicossociais. De forma semelhante o modelo de pré-condicionamento de Finklemore (1984) enfatiza a importância etológica do interesse sexual em crianças e do seu papel na identificação de tipologias de agressores sexuais.

No entanto, ainda hoje existe uma necessidade de ganhar *insight* sobre o papel do interesse sexual em crianças e da sua arquitetura cognitiva, devido às implicações importantes na compreensão da agressão sexual de crianças, quer para efeitos de investigação, avaliação de risco, ou eficácia de tratamento (Marshall & Fernandez, 2003). Não se encontra devidamente clarificado o peso que o interesse sexual desviante ocupa, relativamente a outros fatores associados à agressão sexual de crianças (O’ciardha, 2010) ou a percentagem de indivíduos com interesses sexuais parafilicos que não agredem sexualmente.

A importância do interesse sexual desviante torna-se melhor definida no contexto da previsão de reincidência criminal violenta, onde este (medido por pletismografia peniana [PPG]) se torna o melhor preditor individual da mesma (Hanson & Bussière, 1998). No entanto, o método utilizado revela-se problemático em termos éticos e de validade, como já referido, pois mede a circunferência peniana face à apresentação de imagens com potencial de estimulação sexual. Salienta-se também que

a forma de apresentação de estímulos é tendencialmente mais associada ao consumo de pornografia de crianças (exposição a imagens pornográficas contendo crianças) e pode não refletir a situação de agressão para agressores sexuais presenciais; explicando valores elevados de interesse sexual em crianças reportados nos utilizadores de pornografia infantil (e.g. Seto & Cantor, 2006), que apesar de tudo evidenciam taxas de reincidência criminal violenta próximas de 0 (Seto, 2008). A apresentação de imagens de pornografia de crianças ou que apelem a sexo com crianças, constitui um crime *per se*, dificultando a disseminação desta forma de medida, apelando ao desenvolvimento e estudo de medidas complementares mais precisas na medição do interesse sexual, menos intrusivas ou menos suscetíveis a *faking*.

1.5 Exposição Repetida a Conteúdos que apelam ao sexo com crianças em indivíduos sem interesse sexual em crianças.

Como parte do nosso estudo, pretendemos a título exploratório verificar também a influência da exposição repetida a conteúdos que apelem ao sexo com crianças (utilizando uma amostra de inspetores e técnicos e comparando-os com uma amostra universitária) nas cognições implícitas que envolvem a criança e o sexo. A existência de interação entre as cognições implícitas e a exposição ao material referido introduziria sérias limitações à utilização do IAT como medida de interesse sexual em crianças.

Relativamente à exposição a pornografia crianças duas posições podem ser defendidas recorrendo à literatura. Uma das posições é retirada da literatura científica que aborda a exposição à violência, vários estudos defendem uma ligação direta entre a exposição a violência nos média e comportamentos/attitudes pró-violência (e.g. Huesmann, 1988; Anderson & Bushman, 2002). Nesta medida, é também defendido que a exposição a pornografia desviante leva a atitudes sexuais mais permissivas (Wright, 2013), por processos de dessensibilização. A dessensibilização ocorre quando existe uma diminuição da reação emocional e psicológica face à exposição repetida, levado a uma maior permissividade e aceitação do comportamento observado. A dessensibilização é também apontada por Young et al. (2000), no modelo ACE (anonimato, conveniência e escape), como um estágio do vício à pornografia. Este estágio antecede a escalada no consumo de material pornográfico levando a interesses sexuais progressivamente mais desviantes.

Poderá a exposição á pornografia infantil, promover a uma maior permissividade para o contacto sexual com crianças, que efeitos terá esta dessensibilização nas associações implícitas criança-sexual?

Estudos como o de Paul & Linz (2008) utilizaram uma tarefa de decisão lexical, para medir as associações implícitas e mediram também a estimativa de frequência após a exposição a conteúdos de *barely legal porn* (pornografia em que os atores aparentam ter 18 anos ou menos). Os autores não encontraram qualquer relação entre a exposição a *barely legal porn* e maior estimativa de frequência, ou presença de associações entre sexo e jovens, no entanto, esta exposição não se tratou de uma exposição prolongada. Os autores argumentam que este é um constructo social forte, especialmente na sociedade ocidental, associado a um conjunto de inibições que tornam *taboo* esta forma de contactos sexuais, e uma exposição breve poderá não ser o suficientemente forte para os desconstruir.

No entanto, poderão os inspetores e técnicos, neste caso, inibir a criação de associações implícitas entre criança e sexual utilizando estratégia que os tornam mais analíticos?

No polo oposto, encontra-se a investigação realizada com inspetores expostos a pornografia infantil no âmbito da sua profissão, que revela a aplicação de estratégias de visualização e estratégias pessoais na minimização dos efeitos negativos desta exposição (Burns, Morley, Bradshaw & Domence, 2008). Estratégias de visualização integram a introdução gradual a imagens, a preparação mental, dissociação e compartimentalização, auto-monitorização e fazer intervalos, foco na evidência/manter-se analítico, a determinação de onde, quando e como visualizar; estratégia pessoais envolvem fatores como conhecer os próprios limites, fazer exercício intenso, manter expectativas realista quando ao seu trabalho, ter hobbies que apelem ao relaxamento, como yoga ou ouvir música (Whelpton, 2012). A investigação neste âmbito foca os aspetos negativos e traumáticos provocados pela exposição a conteúdos de pornografia infantil como o stress pós-traumático e o *burnout* (e.g. Whelpton, 2012), sugerindo que não existe uma maior aceitação do fenómeno ou o desenvolvimento de atitudes sexuais mais permissivas. Esta inibição ativa resultaria num efeito do IAT próximo da população não-agressora e não colocaria limitações à utilização do IAT como instrumento de medida do interesse sexual desviante.

Capítulo II. O TESTE DE ASSOCIAÇÃO IMPLÍCITA

2. Utilidade da Cognição Implícita na medição do interesse sexual desviante

A investigação da distorções cognitivas e interesse sexual desviante nos agressores sexuais de crianças tem sido alvo de um aumento exponencial, devendo-se à diversidade de utilização de medidas da cognição implícita (Banse *et al.*, 2009; Brown *et al.*, 2009, Gray *et al.*, 2005, Mihailides *et al.*, 2004; Nunes *et al.*, 2007; Price, 2005; Smith & Waterman, 2004). A próxima secção irá focar uma dessas medidas, O *Implicit Association Test* (IAT; Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998), referindo a sua adaptação a este contexto de investigação.

2.1 Teste de Associação Implícita (IAT; Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998)

O IAT é um método indireto que mede atitudes a partir da força de associativa entre conceitos (Nosek, Greenwald, & Banaji, 2007) contrastando os tempos de latência.

O pressuposto no qual o IAT se baseia alicerça-se nas premissas da teoria ACT (Adaptive Control of Thought, Anderson, 1983), mais especificamente no teoria dispersão da ativação (Collins & Loftus, 1975). Segundo esta, a ativação de elementos de informação (ou fontes de ativação) na memória de trabalho, dispersa-se através de ligações entre os nódulos da rede até à memória a longo prazo. Os níveis de ativação na rede refletem o grau de associação entre as representações existentes e as fontes de ativação, variando a velocidade de processamento da informação em função do nível de ativação. Deste modo, o estímulo irá agir como fonte de ativação e irá ativar mais fontes de categorias ao qual o mesmo pertence face a categorias mais afastadas na rede, levando a maior rapidez na categorização do mesmo no IAT. Caso o estímulo esteja mais associado a valências negativas será mais fácil categorizar o mesmo e estímulos de valência negativa como “ódio” com a mesma resposta, pois esta é facilitada em função da proximidade na rede cognitiva.

O procedimento envolve uma tarefa computadorizada de categorização individual de estímulos numa de quatro categorias apresentadas, utilizando apenas duas teclas no

teclado. Em geral, é composto por 4 blocos (2 blocos de treino seguidos de 2 blocos críticos).

No bloco inicial de teste são utilizados apenas dois conceitos opostos (e.g. Branco e Negro) e o sujeito tem de classifica-los utilizando as duas teclas correspondentes no teclado (e.g. Teclas D e K). Segue-se o segundo bloco de treino relativo a um novo par de conceitos contrastantes (e.g. Agradável e Desagradável) utilizando os mesmos botões do teclado. Posteriormente os blocos combinados em que as categorias estão agora conjugadas duas as duas, correspondendo a cada par a uma das teclas estas são depois invertidas no bloco seguinte.

O pressuposto subjacente é novamente o de que é mais fácil realizar uma tarefa quando os conceitos emparelhados estão associados na estrutura cognitiva do indivíduo (condição congruente), do que quando não o estão (condição incongruente). Um exemplo amplamente disseminado é o que utiliza que os conceitos planta e inseto e os atributos agradável e desagradável, em geral é mais fácil para o participante realizar a tarefa com o emparelhamento plantas/agradável e inseto/desagradável, do que com o emparelhamento plantas/desagradável e insetos/agradável. Este fenómeno deve-se á preferência comum encontrada nos indivíduos de plantas em relação a insetos. Consequentemente, a realização da tarefa deverá ser mais célere na condição congruente.

Desde o seu desenvolvimento, o IAT tem sido melhorado com base em estudos que se focaram na influência que algumas variáveis exercem nos seus efeitos, ou variáveis moderadoras, iremos agora discutir algumas mais relevantes.

A primeira variável a é a Ordem dos blocos críticos - o desempenho na primeira tarefa combinada interfere com o da segunda, o que conduz ao enviesamento na interpretação das associações da primeira tarefa como mais fortes. A sua ordem nas tarefas combinadas compatíveis e incompatíveis deve assim ser contrabalançada (Nosek et al., 2005).

A Fluência cognitiva aparece também como variável moderadora. Os participantes mais lentos na realização do IAT tendem a produzir efeitos de maior magnitude do que participantes mais rápidos, contudo, a aplicação do algoritmo D aperfeiçoado reduz esta influência á não significância (Cai, Sriram, Greenwald, & MacFarland 2004). A Idade do participante relaciona-se com a fluência cognitiva levando a que participantes mais velhos tendam a obter efeitos maiores que participantes mais novos (Greenwald & Nosek, 2001; Hummert, Garstka, O'Brien,

Greenwald, & Mellott, 2002). O algoritmo D aperfeiçoado reduz igualmente a influência desta variável.

Outra variável a considerar, especialmente em estudos longitudinais é a exposição prévia ao IAT. A magnitude dos efeitos que o IAT produz tende a baixar com administrações repetidas (Greenwald e Nosek, 2001; Greenwald et al., 2003). Apesar da aplicação do algoritmo D minimizar esta influência algum cuidado deve ser tido no delineamento em estudo que incluam vários IATs na mesma sessão ou em estudos longitudinais aconselhando-se a inclusão do estudo de um IAT controlo (eg. Flores-Insectos)(ver Nosek et al., 2007), foi considerada também a aplicação das medidas explícitas, se antes ou depois da aplicação, no entanto, esta produz reduzidos ou nenhuns efeitos (Nosek et al., 2005). Finalmente o formato de aplicação do IAT pode conduzir a algumas limitações associadas à caracterização da amostra¹.

A utilidade aparente do IAT deve-se maioritariamente á combinação de fatores, tais como a sua resistência aos enviesamentos de *self-presentation* (Banse, Seise & Zebers, 2001; Egloffs & Schmurkle, 2002; Kim & Greenwal, 1998), o facto de não depender da introspeção para aceder á força associativa dos conceitos alvo (Grenwald *et al.*, 2002) e da facilidade de adaptação a uma grande variedade de contextos, permitindo avaliar uma ampla diversidade de associações socialmente significativas (Greenwald & Nosek, 2001). As propriedades mais vantajosas de medidas como a referida é a sua confiança em processos associativos que operam automaticamente (Devine *et. al.*, 2002; Greenwald *et al.*, 2002; ver Conrey *et al.*, 2005, numa investigação distingue o contributo de processos automáticos e processos deliberados em medidas com IAT).

¹ A utilização de uma amostra online acarreta algumas limitações referidas na literatura (Greenwald, Nosek & Banaji 2003) como: a incapacidade de classificar a amostra como uma população conhecida (ex: estudantes universitários ou população idosa) ou pela participação ser anónima e online, o mesmo participante poder responder mais do que uma vez. Contudo foram tomadas algumas medidas no sentido de minimizar a influência destas limitações. Os participantes cediam alguns dados socio-demográficos como o género, a idade e a orientação sexual (ver caracterização da amostra); cada participante recebia também um código único, para que pudesse aceder apenas uma vez ao estudo.

A grande diversidade de contextos de aplicação levou à ampla disseminação do IAT, tendo sido utilizado na investigação do enviesamento racial ou *racial bias* (e.g. Richeson *et al.* 2003), hábitos alimentares (eg. Varrtarian, Polivy & Herman, 2004), hábitos de saúde (e.g. Weirs, van Woerden, Smulders & Dejong, 2002); apresentação clínica (e.g. Teachman, Gregg, & Woddy, 2001) e no contexto forense (e.g. Gray, MacCullochm Smith, Morris & Snowden, 2003), no qual se incluí a agressão sexual de crianças (Neves, Firestone & Baldwin, 2007).

2.2 IAT e o Interesse Sexual em Crianças

Na teoria implícita a criança como ser sexual, partilhada por agressores sexuais de crianças, assume-se um investimento do ego numa necessidade sexual do agressor (motivação sexual como motivação de aproximação) em alvos sociais como as crianças resultando em crenças e cognições erradas acerca da sexualidade das crianças (Mihailides, 2003). Pressupõe-se assim que a sexualidade constitui a crença-desejo básico que motiva a teoria implícita da criança como ser sexual. Esta infusão da sexualidade em alvos sociais relacionados com crianças reflete-se depois nos estereótipos implícitos e na organização implícita sexual dos agressores sexuais de crianças (Mihailides, 2003).

Na prática, quando se pretende desenvolver os estímulos no IAT de modo a avaliar o interesse sexual em crianças, pode existir uma dificuldade acumulativa no alcance dos dois princípios que constituem um bom IAT: que o estímulo seja facilmente classificável numa das quatro categorias, e que as categorias que constituem o pares formados representem opostos (Nosek, et al., 2007). De modo a ilustrar estas dificuldades vejamos as seguintes cognições que podem representar cognições um agressor sexual de menores:

- 1) As crianças são seres sexuais
- 2) As crianças são associadas com sexo ou atividades sexuais
- 3) As crianças são sexualmente atrativas

Em termos de investigação pode interessar se estas cognições são mantidas por agressores sexuais, e se for o caso, se são mantidas por todos os agressores ou apenas um subgrupo destes, ou a sua distribuição na população não-agressora. Apesar de diferirem em apenas pequenos artifícios cada uma sugere a utilização de um IAT ligeiramente diferente na sua avaliação. A primeira cognição refere-se à teoria Implícita

de Ward & Keenan (1999), enquanto que a terceira se refere ao interesse sexual em crianças. A segunda pela sua ambiguidade pode estar associada tanto à teoria implícita referida como ao interesse sexual em crianças. Em primeiro lugar, estas cognições podem ser avaliadas pela comparação dos tempos de latência das associações criança-sexual e adulto-sexual, sendo que adulto e criança representam polos virtualmente opostos e exclusivos. A dificuldade surge na conceção de uma díade com a palavra Sexual. Partindo do exemplo “a criança como ser sexual”, um par de categorias opostas poderiam ser sexual- não sexual; no entanto, virtualmente qualquer conceito pode ser integrado na categoria não sexual, e quase nenhum conjunto de conceitos agregados permite a produção de uma categoria “não sexual” coerente. Assim a classificação de conceitos nesta categoria acaba por ser feita através do processo de exclusão, ou seja, o que não pertence às outras categorias é englobado nesta, enviesando os tempos de reação na categorização do estímulo pretendido. Mihailides et al.(2004) utilizaram palavras fonética e semanticamente semelhantes nos estímulos pertencentes às categorias sexual e não sexual (e.g., *sarcasm* e *orgasm*) o que resultou numa categoria não-sexual sem coerência ou contraste com sexual. Os autores também utilizaram os termos criança e não-criança com palavras foneticamente semelhantes (e.g., *kids* e *lids*). A falta de coerência nas categorias opostas torna menos claro o que estava a ser exatamente medido pelo instrumento, sendo o *design* do mesmo de extrema importância.

Tendo como exemplo a segunda cognição que queríamos medir “a criança é associada ao sexo ou a atividades sexuais”, novamente obtemos o mesmo problema na definição das categorias Sexual vs Não Sexual. Gray *et al.* (2005) criaram um conjunto coerente de palavras que estavam ligadas ao corpo, mas que não eram comumente consideradas como sexuais, para lidar com esta problemática. Aqui as categorias sexuais e não sexuais continuam a não representar opostos na sua essência, mas sim categorias não relacionadas com um rótulo oposto. É importante referir que neste ponto os autores não tomaram a categoria como pertencendo à teoria Implícita da “criança como ser sexual”, mas como sendo análoga ao interesse sexual (medido com o PPG).

Dos estudos com agressores sexuais o que obteve maior sucesso na criação de categorias para avaliar a terceira cognição ilustrada foi o de Nunes *et al.* (2007). Os autores selecionaram os termos *Sexy* e *Not Sexy*, utilizando palavras que representam opostos reais em ambas as categorias. Porém, a medida em que a palavra *sexy* permite

avaliar a atração sexual e não o papel mais ativo ou passivo dos alvos (adulto e criança) no ato de ser sensual é altamente discutível (Ó Ciardha, 2010).

Finalmente, outro obstáculo pertinente é o facto de estudos com agressores sexuais, terem um número substancial de participantes sofrerem dificuldades intelectuais ou de aprendizagem (Langevin & Curnoe, 2007). Estas necessidades levam a que as seja crucial que as instruções, os estímulos e as categorias sejam o mais explícito e claras possíveis.

2.2.3 O que visam os IAT descritos?

Estabelecer o que visa cada IAT acima descrito é uma tarefa árdua. Podemos partir do princípio, desconstruindo as teorias implícitas na literatura, que o IAT mede a força de associação entre micro-conceitos presentes nas mesmas. Por exemplo “Criança” e “Sexual” e o contraste com a força associativa do atributo ao seu oposto “Adulto”, por não haver categoria oposta, mede também a força associativa com “Não sexual”, ou seja, com a negação do atributo. A força associativa pressupõe-se refletir, devido á natureza da própria tarefa, uma medida da estrutura dos componentes de esquemas. Porém devido á estrutura e direcionalidade multifacetada das associações, permanece pouco claro que o IAT seja discreto o suficiente para medir algo mais do que a associação das mesmas.

É provável que o IAT meça um constructo onde existe sobreposição ao nível das distorções cognitivas e do interesse sexual, sendo que muita dessa sobreposição se relaciona com maneira como a sexualidade (tanto desviante como não desviante) se encontra representada no cérebro (Ó Ciardha, 2010).

Pelo acima descrito e já referido, verificamos que também que é difícil conceber que um individuo com interesse sexual em crianças possa não revelar distorções cognitivas, no entanto é possível que um indivíduo com distorções cognitivas não tenha interesse sexual em crianças, e estas podem revelar efeitos no IAT (por exemplo um indivíduo que revela a teoria implícita da criança como ser sexual e a teoria implícita *entitlement*, ou seja que partilha as crenças “as crianças são seres com autonomia e desejo sexual” tal como “pelo seu estatuto as crianças pertencem-lhe e devem-lhe obedecer” mas que não tem interesse sexual em crianças, mas sim em adultos), afetando a sua capacidade discriminatória. É assim importante a utilização de vários

instrumentos de medida na aferição do interesse sexual e das distorções cognitivas, respetivamente.

Apesar das limitações metodológicas suprarreferidas, o IAT concebido por Mihailides *et al.* (2004) distingue agressores sexuais de crianças de agressores em geral e da população não-agressora, ou seja, os primeiros demonstravam efeitos maiores no IAT Criança-Sexual face aos restantes. Do mesmo modo a autora também utilizou IATs que permitiam a distinção de agressores sexuais de crianças face às teorias implícitas de *entitlement* e *uncontrolability*.

Gray, Brown, MacCulloch, Smith, and Snowden (2005) produziram um IAT de associação criança/sexual que media as associações entre criança ou adulto e sexual e não sexual. Os autores verificaram que agressores sexuais de crianças eram mais rápidos na classificação de palavras quando criança e sexual se encontravam emparelhados, refletindo-se num efeito maior no IAT. Outros autores reportam os mesmos resultados, ou seja, uma associação implícita entre criança e sexual nos agressores sexuais de crianças (Banse & Clarbour, 2007; Nunes et al., 2007; van Leeuwen, van Baaren, Chakhssi, Loonen, Lippman, & Dijksterhuis, 2009). Como exposto, o IAT utilizado neste contexto apresenta potencial elevado como medida complementar da avaliação do interesse sexual em crianças, conseguindo discriminar entre agressores sexuais de crianças e outros agressores, tal como entre agressores sexuais e a população não-agressora.

Nesta dissertação pretendemos dar o primeiro passo, como suprarreferido, estabelecendo um IAT em português com os mesmos propósitos e uma base comparativa que permita a distinções já encontradas na literatura internacional entre estes grupos. Discutiremos em seguida os objectivos.

2.3 Objetivos Gerais e hipóteses

O objetivo principal da investigação conduzida é estabelecer uma medida de associação implícita que tenha potencial para medir o interesse sexual em crianças e outra que seja sensível à presença da distorção cognitiva *Uncontrolability*, numa amostra de agressores sexuais de crianças distinguindo população agressora de população não-agressora, aplicável na língua portuguesa. Para tal foi criado um IAT baseado nas associações de idade (criança/adulto) e interesse sexual (sexual/não sexual) a par de um IAT que pretende avaliar as associações controlo (controlo/perda de

controle) e interesse sexual. Estes IATs utilizam micro-constructos presentes nas duas teorias implícitas suprarreferidas, a criança como ser sexual e *uncontrollability*. Os estudos realizados nesta dissertação representam um primeiro passo na criação de uma base de comparação para estudos futuros com agressores sexuais de crianças. Neste primeiro passo os participantes selecionados apresentam interesse sexual em adultos, a nossa hipótese principal é que esse interesse deve então ser refletido nos efeitos do IAT Criança/Sexual com efeitos médios negativos. Afim de testar possíveis limitações da utilização do IAT na medição do interesse sexual por crianças num segundo estudo, recorrendo a uma amostra de inspetores e técnicos (que estão expostos repetidamente a pornografia de crianças no âmbito da sua profissão) e a uma amostra académica são comparados os efeitos obtidos. Este segundo estudo tem o objetivo de esclarecer a relação entre a exposição repetida a conteúdos que apelam ao sexo com crianças e as associações referente na cognição implícita.

Pelas limitações subjacentes ao meio prisional (e.g., impossibilidade de utilizar computador), o IAT nesta dissertação apresenta uma estrutura semelhante à versão a papel e caneta (discutida por Lemm *et al.* 2008) maximizando o potencial comparativo em estudo futuros com amostra prisional de agressores sexuais de crianças.

Por último pretende-se a título exploratório verificar se existe uma relação entre as variáveis complementares recolhidas: frequência de consumo de pornografia, adição percebida e exposição á pornografia infantil, pois estas variáveis foram selecionadas pela importância que têm no futuro em investigações com utilizadores de pornografia infantil.

Hipóteses:

Hipótese 1: O IAT de Treino deve refletir a preferência comum por plantas face a insetos, ou seja, os sujeitos devem ser mais céleres na categorização de estímulos quando os conceitos “Planta e agradável” e “Inseto e Desagradável” se encontram emparelhados. Esta maior celeridade deve traduzir-se no efeito médio do IAT de treino

Hipótese 2: Indivíduos com interesse sexual em adultos devem ser mais céleres na categorização de estímulos quando os conceitos “Criança e Não Sexual” e “Adulto e Sexual” se encontram emparelhados. Esta diferença de latência deve traduzir-se no efeito do IAT Criança-Sexual.

Hipótese 3: Análise exploratória do IAT Controlo/Sexual. No entanto dado o referencial teórico, na ausência da distorção cognitiva *uncontrolability* espera-se que as associações entre Perda de Controlo e Sexual tal como Controlo e Não Sexual não deverão ser fortes.

Hipótese 4: Análise exploratória da relação entre a exposição repetida a pornografia de crianças e as associações implícitas Criança e Sexual e Controlo e Sexual.

Hipótese 5: Análise exploratória de uma possível relação entre o consumo excessivo de pornografia em geral e as associações implícitas Criança e Sexual tal como Controlo e Sexual.

Hipótese 6: A frequência elevada do consumo de pornografia (mais de 10 vezes por semana deverá estar associada a resultados mais altos na Escala CPIU 9 (Grubbs *et al.*, 2013).

III. Estudos Experimentais

3.1 Enquadramento

De modo a atingir os objetivos acima referidos foram realizados dois estudos. O primeiro com o objetivo de avaliar os IATs criados, relativamente à consistência interna dos mesmos e a equivalência dos efeitos do IAT às preferências sexuais dos participantes (aqui definida como a variável idade ideal do parceiro sexual), para tal foi utilizada a plataforma online MTurk para a recolha dos participantes.

Num segundo estudo aplicámos o IAT a uma amostra universitária, recorrendo à base de dados do grupo de Cognição Social Aplicada da faculdade de psicologia da universidade de Lisboa; e a um conjunto de 14 inspetores e técnicos voluntários que contactam regularmente com pornografia infantil no âmbito da sua profissão.

Este segundo estudo pretendeu esclarecer a relação entre a exposição prolongada à pornografia infantil e as cognições implícitas testadas no primeiro estudo, tal como superar algumas limitações. Por terem sido encontrados efeitos positivos no primeiro

estudo, sentimos a necessidade de integrar os itens da escala MOLEST (Bumby,1996) que abordam a teoria implícita a criança como ser sexual, de modo a ter uma medida explícita mais sensível, com a capacidade de sinalizar as distorções cognitivas que envolvem a criança e a iniciativa/curiosidade sexual, podendo estas estar associados a efeitos positivos no IAT Criança/Sexual.

Pelas limitações do meio prisional (e.g. impossibilidade de utilizar meios informáticos) e devido á importância que estas têm para estudos comparativos futuros, as instruções foram mantidas as mais claras e simples possíveis, e a estrutura igual á do IAT em papel e caneta (discutida por Lemm, K. M., Lane, K. A., Sattler, D., 2008), ou seja, com um IAT inicial, que substitui os blocos de treino, seguindo-se dos IATs críticos (Criança/Sexual e Controlo/Sexual) para permitir uma replicação do estudo nesse contexto.

3.2 Estudo I – Implicit Association Test: Associações Criança-Sexual e Controlo Sexual numa amostra recolhida na plataforma Mturk

O primeiro estudo examinou as associações Criança-Sexual e Controlo-Sexual utilizando dois IATs criados para o efeito, após um IAT de treino (Planta-Agradável). Foram também recolhidos dados acerca da idade ideal do parceiro sexual e romântico, orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual ou assexual, estado civil) e hábitos do consumo de pornografia (frequência, tipos de pornografia consumido e vício percebido).

3.2.1 Procedimento

A recolha de participantes foi realizada através da plataforma online Mturk. Os participantes contactados pela plataforma recebiam um link e um código que teriam de introduzir para iniciar o estudo online. Em primeiro lugar, era exposto o consentimento informado e apenas após expressarem o seu consentimento se dava início ao estudo (Anexo I – Consentimento Informado na Plataforma *SoSci*). (Anexo II - Modelo de Instruções online).

De seguida os participantes completavam os IATs (três IATs constituídos por 2 blocos de 20 *trials* cada, resultando num total de 120 *trials*) (Anexo II - Modelo de Instruções online). No final os participantes eram questionados quanto a variáveis

sociodemográficas (idade, género, orientação sexual), variáveis de consumo de pornografia (ausência/presença de consumo, quanto tempo despendiam, conteúdos preteridos) e finalmente preenchem a escala CPUI 9 quanto á adição percebida á pornografia. Caso não houvesse presença de consumo de pornografia o estudo terminava antes da escala.

3.2.3 Materiais e Design

Para atingir os objetivos propostos foram criados dois IATs, através de dois pré-estudos. Num primeiro pedimos a 40 indivíduos que preenchessem dez palavras que melhor definissem cada uma das categorias alvo: Criança, Adulto, Sexual e Não Sexual, e ainda Controlo e Falta de Controlo, entre outras categorias alvo (Apêndice I – Pré-teste: Ficha de Recolha de Palavras). Num segundo pré-estudo 13 participantes preenchem os IATs criados com as palavras mais referidas no primeiro pré-estudo, em formato papel. O segundo pré-estudo foi realizado em laboratório e visou, além do IAT os participantes, a avaliação do quanto (de 1-Nada a 5-Muito) as palavras representavam a categoria-alvo (Apêndice II – Pré-teste: Avaliação da média de representatividade cada palavra-estímulo).

Os IATs finais resultaram de um conjunto de palavras obtidas nos pré-testes (as que obtiveram maior saliência na categoria alvo), da utilização de palavras-estímulo de IATs utilizados com o mesmo propósito (e.g. Brown et al. 2009) e no *input* de duas investigadoras independentes, uma com experiência na avaliação de risco de agressores sexuais e outra com experiência em investigação com o IAT. Sempre tendo em consideração os princípios definidos por Nosek, Greenwald e Banaji (2005) já referidos.

Os IATs foram construídos na plataforma gratuita *SoSci* de modo a torná-los disponíveis utilizando um link, a partir de qualquer browser. Como referido anteriormente foram utilizados três IATs diferentes, em que os dois primeiros Blocos são constituídos por blocos de treino, seguindo-se dos Blocos Críticos constituídos pelos IATs alvo (Tabela 1). O formato escolhido é conceptualmente paralelo ao IAT a papel e lápis em que os blocos de treino são constituídos por IATs não críticos (Plantas/Insetos e Agradável/Desagradável) (ver Nosek *et al.*, 2008). As palavras-estímulos (Apêndice III – Conjunto de Palavras-estímulo por cada Categoria) constituíam um total de 20 *trials*, apresentados aleatoriamente, respeitando a alternância entre atributo, por exemplo “Feliz” e alvo, por exemplo “Nenúfar”, em cada Bloco.

Como medida explícita do interesse sexual dos participantes, após a conclusão do IAT, era-lhes perguntado qual a idade ideal dos seus/suas parceiro/as sexuais e qual a dos seus/suas parceiros românticos.

Tabela 1 - FORMATO DE APRESENTAÇÃO DOS BLOCOS

Ordem	Blocos	Tipo de IAT	Nº de <i>Trials</i>
1	<i>Bloco de Treino Congruente</i>	IAT Planta/Agradável	20
2	<i>Bloco de Treino Incongruente</i>	IAT Planta/Desagradável	20
3	<i>Bloco Congruente 1</i>	IAT Criança/Sexual	20
4	<i>Bloco Incongruente 1</i>	IAT Criança/Não Sexual	20
5	<i>Bloco Congruente 2</i>	IAT Controlo/ Sexual	20
6	<i>Bloco Incongruente 2</i>	IAT Controlo/Não Sexual	20

* no bloco em que Planta está Associado a Agradável (tecla D do teclado), Inseto está associado a Desagradável (tecla K), sendo que no Bloco incongruente Agradável e Desagradável trocam de posição, passando a ficar Planta associado a Desagradável (tecla d) e Inseto associado a Desagradável (tecla k) , a mesma lógica aplica-se nos restantes blocos.

3.2.3.1 Medida Complementar – CPUI 9 + social (Anexo III – Itens da Escala CPUI 9 + Social)

Como medida complementar, a título exploratório, foi introduzida a Escala CPIU 9 (*Cyber Pornography Use Inventory 9*, Grubbs *et al.*, 2013). A escala permite analisar os sentimentos de culpa e stress originados pelo consumo excessivo de pornografia, dividindo-se em três fatores num total de 9 itens: Esforços de acesso, com 3 itens (e.g. Quando não quero utilizar pornografia online sinto-me atraído por ela.), *Distress* emocional, também com 3 itens (e.g. Às vezes, altero o meu horário de modo a ficar sozinho para ver pornografia.) e Compulsividade, com 3 itens igualmente (e.g. Acredito que estou viciado em pornografia).

Depois de realizarem os IATs, era pedido aos participantes que respondessem a uma versão traduzida da escala que continha também os itens correspondentes á dimensão social da escala completa CPUI (Grubbs *et al.* 2009), resultando na escala CPUI 9 + Social. Esta escala recorre a uma escala tipo *Likert* de 5 pontos (em que 1 representa “Não concordo nada” e 5 representa “concordo extremamente”), a sua adaptação para português e o acrescento dos itens da dimensão social da versão completa da escala foram realizadas com a autorização dos autores da mesma.

3.3 Participantes

3.3.1 Caracterização da Amostra

O primeiro estudo resultou num total de 67 participantes recolhidos online, através da plataforma MTurk. Foram excluídos 8 participantes por não terem finalizado o estudo, ou por terem uma percentagem superior a 10% de ensaios resolvidos em menos de 300 ms, resultando em 59 participantes elegíveis.

Dos 59 participantes resultantes, 31 (52.5%) pertencem ao sexo Masculino e 28 (47.5%) pertencem ao sexo feminino com idades entre os 19 e 58 anos ($M = 28.29$, $DP = 7.9$). Destes, 54 (91.5%) identificam-se como heterossexuais e 5 (8.5%) como bissexuais. Relativamente à questão que aborda as relações amorosas 37 (62.7%) referem encontrar-se numa relação amorosa enquanto que 22 (37.3%) indicam estar solteiros.

3.3.2 Caracterização do consumo de pornografia e Exposição á Pornografia Infantil na Amostra

Relativamente aos hábitos de consumo de pornografia em geral, 37 (62.7%) participantes referem consumir pornografia na Internet, dos quais, 31(52.7%) o faz de 1 a 3 vezes por semana, 5 (13.5%) de 4 a 6 vezes por semana e apenas 1 (2.7%) de 7 a 9 vezes por semana. O tempo de consumo médio de pornografia indicado foi baixo ($M=16.16$; $D.P.= 11.34$, a maioria dos participantes (86.5%) menciona visualizar até 20 minutos de cada vez, enquanto que os restantes (13.5%) referem demorar entre 20 a 60 minutos.

Utilizando o coeficiente de Pearson Chi-quadrado foram encontradas diferenças significativas no consumo de pornografia em função do género ($\chi^2 = 10.725$, $p = 0.001$). Como podemos verificar 83.87% dos indivíduos do sexo masculino consomem pornografia enquanto que no sexo feminino apenas 42.3% refere consumir (Tabela 2).

Quando inquiridos quanto à exposição a pornografia infantil a maioria dos participantes que consome pornografia em geral, ou seja 31 (correspondendo a 52.5% da amostra total) refere não ter sido exposto a pornografia infantil, 6 (10.2%) participantes referem ter sido expostos, porém de forma não intencional, os restantes

(22, correspondendo a 37.3%) não responderam à questão pois esta apenas estava disponível aos participantes que referem ver pornografia na internet.

Tabela 2 - CONSUMO DE PORNOGRAFIA EM FUNÇÃO DO GÊNERO

		<u>Vê pornografia através da Internet?</u>		
		Sim	Não	Total
Género	Masculino	26	5	31
	Feminino	11	15	26
Total		37	20	57

3.4 Resultados

3.4.1 Medição das Atitudes Implícitas

Os tempos de reação (*RTs*) e a frequência de erro foram calculados para cada *trial*. O procedimento de cálculo dos efeitos (*Dscores*) seguiu os passos propostos por Greenwald, Nosek & Banaji (2003) relativos ao cálculo do D_4 .

No primeiro passo, os autores referem que devemos utilizar apenas todos os blocos com quatro categorias, tendo em conta formato do nosso IAT, nenhum bloco foi descartado de análise. Tal como sugerido pelos autores, eliminaram-se todos os *trials* em que a latência foi superior a 10 000 milissegundos (ms) e todos os participantes que realizaram uma percentagem maior que 10% de todos os ensaios do bloco num tempo inferior a 300 ms. Nos *trials* excluídos, o valor é substituído pela média do bloco, com uma penalização de 600 ms. Os desvio-padrão foram calculados sobre os resultados corrigidos. Finalmente foram calculadas as diferenças entre Blocos e divididas pelo desvio padrão dos ensaios correspondentes. Os *Dscores* foram calculados em Excel, a prova de corecção da foi realizada a um participante aleatoriamente.

D-scores são valores que oscilam entre -2 e 2 e indicam a força relativa de associação entre conceitos, valores acima de zero (positivos) representam uma associação positiva entre conceitos do bloco onde estes se encontram combinados de forma congruente face ao bloco onde se encontram de forma incongruente, enquanto que *D-scores* abaixo de zero (negativos) representam uma associação entre conceitos do bloco onde estes se encontram combinados de forma incongruente face ao bloco onde se encontram combinados de forma congruente (Oliveira & Miranda 2012).

A investigação com o IAT, desde cedo se preocupou com a consistência (Greenwald *et al*, 1998). De modo a calcular a consistência interna subtraímos a primeira latência do primeiro bloco da segunda latência do segundo bloco (planta + agradável – planta + desagradável). O alfa é calculado através destas 20 diferenças de latência (Bosson *et al*. 2000) e mede, neste caso, a consistência interna na tendência em associar atributos-estímulo relacionados com agradável e atributos-estímulos relacionados com desagradável – a planta. A mesma lógica foi aplicada a cada IAT.

As consistências das escalas foram razoáveis tanto no IAT de treino ($\alpha = 0.631$) como no IAT Criança/Sexual ($\alpha = 0.699$) sendo a consistência do IAT Controlo/sexual a mais baixa ($\alpha = 0.569$).

A média e a frequência de erros em cada bloco foram calculados tal como a percentagem de erro em cada IAT (Tabela 4). Foram também realizados testes não-paramétricos para verificar a existência de contrastes entre as latências da mediana de cada bloco. O teste de Wilcoxon (*ranked test*) revelou a existência de contrastes significativos entre os tempos de latência medianos nos Blocos treino congruente ($Mdn = 1447.631$) e treino incongruente ($Mdn = 1686.050$) ($Z = 2.598$; $p = 0.01$; $r = 0.3$); nos blocos Congruente 1 ($Mdn = 1964.574$) e Incongruente 1 ($Mdn = 1427.684$) ($Z = 5.465$; $p = .00$, $r = -0.7$) e nos Blocos congruente 2 ($Mdn = 1747.824$) e Incongruente 2 ($Mdn = 1606.789$) ($Z = 2.925$; $p = .04$, $r = -.4$).

Tabela 3 – ANÁLISE DOS TEMPOS MÉDIOS DE LATÊNCIA (MS) POR BLOCOS E PERCENTAGENS DE ERRO POR CADA PAR DE BLOCOS

	Treino Congruente	Treino Incongruente	Congruente 1	Incongruente 1	Congruente 2	Incongruente 2
Mediana Rt's (ms)	1537.45	1746.59	1983.59	1510.16	1787.83	1648.21
Frequência de Erros por par de blocos (%)	10,254		10,423		9,279	

Considerando os *Dscores* calculados, os participantes revelaram um efeito médio positivo baixo no IAT Planta-Agradável ($M = 0.189$; $SE = 0.058$), um efeito médio negativo razoável no IAT Criança Sexual ($M = -0.55$; $SE = 0.062$) e um efeito médio negativo baixo no IAT Controlo-Sexual ($M = -0.189$; $SE = 0.058$). No IAT de Treino o *Dscore*, apesar de baixo, e o teste de diferenças Wilcoxon (*signed ranks*) sugerem uma maior associação entre os conceitos Planta e Agradável/Inseto e Desagradável, uma vez

que os participantes são mais velozes na categorização dos estímulos na condição congruente face à incongruente, suportando a primeira hipótese colocada.

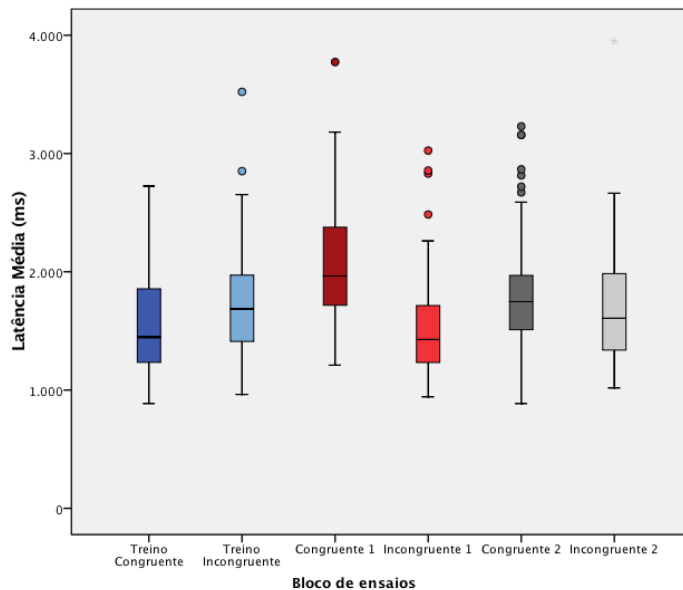


Figura 1 – Distribuição dos tempos de Latência médios por cada Bloco de Ensaios.

No IAT Criança-Sexual os resultados de D encontrados e os resultados no teste de Wilcoxon (*signed ranks*) indicam que os participantes são mais rápidos a categorizar os estímulos na condição incongruente, quando os conceitos Criança e Não Sexual/Adulto e Sexual estão emparelhados, suportando a segunda hipótese colocada.

No IAT Controlo/Sexual a maioria revela resultados D negativos (64.4%). Os resultados de D e o resultado do Wilcoxon (*signed ranks*) demonstram que os participantes são mais céleres na categorização dos estímulos quando os termos Perda de Controlo e Sexual/Controlo e Não sexual se encontram emparelhados.

A título exploratório, por haver diferenças significativas em função do género no consumo de pornografia, fomos verificar se estas diferenças de género se traduziam ao nível dos efeitos do D no IAT Criança/Sexual utilizando o teste U de Mann-Whitney, tal não se verificou ($U = 370$, $p=.331$, $r = -.126$) ou Controlo/Sexual ($U = 343$; $p=.167$, $r = -.179$), sugerindo que o género não têm influência nas cognições implícitas que envolvem os conceitos Criança e Sexual ou Controlo e Sexual.

3.4.2 Relação entre medida explícita e medida implícita

Foram calculadas as estatísticas descritivas relativamente á idade ideal do parceiro sexual e idade ideal do parceiro amoroso (Tabela 5). A título exploratório calculámos,

através do coeficiente de *Spearman*, as correlações entre estas duas variáveis tal como a sua correlação com a idade do participante. A idade sexual do parceiro sexual e do parceiro romântico apresentam uma forte associação entre ambas ($\rho=.960$; $p=.00$) e apresentam também uma associação forte com a Idade do participante ($\rho=.871$; $p=.00$ e $\rho=.884$; $p=.00$, respetivamente).

Foram calculados os coeficientes de correlação entre a idade ideal do parceiro sexual e o efeito do IAT Criança/Sexual, não tendo sido encontradas correlações significativas entre a medida implícita e a Idade ideal do parceiro sexual ($\rho=-.091$; $p=.404$), ou a idade do parceiro romântico ($\rho=-.099$; $p=.350$) (Apêndice IV – Correlações entre Idade do participante, a medida explícita e efeito do IAT Criança/Sexual).

Tabela 4 – NÍVEIS MÉDIOS DA IDADE IDEAL DO PARCEIRO SEXUAL E DO PARCEIRO ROMÂNTICO REFERIDAS PELOS PARTICIPANTES.

		Qual a idade ideal do(a) seu(sua) parceiro(a) sexual? ... anos	Qual a idade ideal do(a) seu(sua) parceiro(a) amorosa? ... anos
	Válidos	55	56
	Missing	4	3
Média		29.04	29.18
Desvio-padrão		8.246	8.286
Mínimo		18	16
Máximo		58	58
Percentis	25	23.00	23.25
	50	27.00	25.50
	75	31.00	36.50

3.4.3 Medidas complementares

A análise estatística da escala CPUI 9 + social, pelo tamanho da amostra, centrou-se no cálculo da consistência interna das subescalas constituintes, através do alfa de *Cronbach*. Numa análise inicial, a escala total apresentava uma consistência interna ($\alpha=.670$) relativamente baixa, pelo que se procedeu a uma análise das subescalas. A subescala “Compulsividade”, com 3 itens apresentava uma boa consistência interna ($\alpha=.872$) tal como a subescala “Esforços de acesso”, com 3 itens também ($\alpha=.850$), no

entanto as subescalas de “*Distress* emocional” ($\alpha = .461$) e “Social” ($\alpha = .377$) revelaram baixa consistência interna. De análise posterior, foi retirada a escala social pela baixa consistência interna encontrada. Grubbs et al. (2015) também reportaram que o *Distress* emocional estava relacionado com a escala CPUI 9 mas não era uma relação forte. Os itens referentes à subescala *distress* emocional, associada ao mau estar e sentimentos negativos relacionados com o consumo de pornografia foram mantidos apesar da baixa consistência interna, devido à congruência conceitual que apresentam com a visão teórica dos autores. Esta visão é baseada num modelo de três fatores na explicação da adição à pornografia (esforços, compulsividade e culpabilização). Retirando a escala social da análise verificamos que o valor do alfa de Cronbach apresenta uma consistência interna relativamente boa ($\alpha = .763$).

Os valores totais da escala CPUI 9, nos participantes que referem consumir pornografia, reflete o baixo consumo de pornografia da amostra utilizada ($M=13.243$; $d.p.= 4.317$). A maioria dos participantes que consome pornografia (75 %) obteve valores totais na escala menores ou iguais a 15.5. Os valores totais da escala não apresentam correlações significativas com a frequência de consumo ($\rho=.185$; $p=.272$) e com o tempo de visualização ($\rho=.144$; $p=.396$). (Apêndice V – Correlações entre escala CPUI 9, a frequência de consumo semanal, o tempo de visualização de pornografia).

3.5 Discussão – Estudo I

Os resultados do primeiro estudo parecem suportar parcialmente a primeira hipótese, segunda hipótese e terceira hipótese colocadas. A amostra demonstra um efeito positivo baixo no IAT Planta/Agradável ($M = .189$; $SE = .058$) e o teste de diferenças de Wilcoxon (*signed ranks*) apresenta diferenças significativas nas latências dos blocos ($Z= 2.598$; $p=.01$; $r= 0.3$) sugerindo uma maior associação entre Planta e Agradável e Inseto e Desagradável.

A segunda hipótese postulava que indivíduos com interesse sexual em adultos (medido pela idade ideal do parceiro sexual) categorizam mais rapidamente conceitos-alvo quando “adulto e sexual” tal como “criança e não sexual” estão emparelhados do que quando “criança e sexual” e “adulto a não sexual” (Figura 3) ($Z=-5.464$; $p=.00$). Deste modo, tal como previsto, os participantes demonstram em média um efeito negativo no IAT Criança/Sexual ($D = -.55$; $SE = .062$), sugerindo uma maior associação

dos conceitos na condição incongruente na sua rede cognitiva. Contudo não foram encontradas correlações significativas com a variável explícita (idade ideal do parceiro sexual) ($\rho = -.115$; $p = .404$), por isso afirmamos que a hipótese apenas é parcialmente suportada.

No IAT Controlo/Sexual os participantes revelaram um efeito baixo negativo ($M = -.189$; $SE = .058$), ou seja, os participantes foram, ligeiramente mais rápidos na categorização dos estímulos-alvo na condição em que “perda de controlo e sexual” e “controlo e não sexual” estão associados face à condição onde “controlo e sexual” e “perda de controlo e não sexual” estão associados, no entanto pelo tamanho do efeito a sua interpretação deve ser realizada com precaução. A medição destas associações foi realizada a título exploratório, esperando encontrar-se um efeito mais robusto negativo numa amostra de agressores sexuais de crianças, especificamente se apresentem a distorção cognitiva *uncontrollability*. Contudo a ausência de efeito robusto parece suportar de certo modo a terceira hipótese colocada.

Os valores totais da escala CPUI 9 reflectem o baixo consumo de pornografia reportado pelos participantes ($M = 13.243$; $d.p. = 4.317$), dado não existir nenhum participante com um consumo superior ou igual a 10 vezes por semana, e grande percentagem dos mesmos (83.78%) referirem consumir pornografia apenas no primeiro nível avaliado (de 1 a 3 vezes por semana). Dado exposto, a hipótese não pode ser analisada. A escala não apresenta correlações significativas com a frequência de consumo ($\rho = .185$; $p = .272$), nem com o tempo de visualização a correlação é marginalmente significativa ($\rho = .144$; $p = .396$).

A título exploratório verificámos que as variáveis Idade do participante e idade ideal do parceiro sexual e do romântico encontram-se fortemente associadas entre si ($\rho = 0.884$; $p = .00$ e $\rho = 0.871$; $p = .00$ respetivamente) indicando que participantes preferem em geral parceiros românticos e sexuais com idade próxima à sua, não sendo surpresa que as variáveis idade ideal do parceiro sexual e romântico se encontrem fortemente associadas entre si ($\rho = 0.960$; $p = .00$), indicando que participantes preferem parceiros sexuais e parceiros românticos com a mesma idade.

a) Limitações

A maior limitação do estudo prende-se com o tamanho da amostra, que é pequeno, levando a resultados com fiabilidade reduzida e pouca variabilidade dos dados em certas variáveis recolhidas, como a frequência de consumo de pornografia. O baixo consumo de pornografia, referido por quase todos os participantes, não permite uma análise acerca da influência do consumo excessivo da mesma nas cognições avaliadas, nem acerca da utilidade do instrumento CPUI 9 na medição de sentimentos de culpa e stress, em indivíduos com consumo elevado de pornografia, apontado como mais de 10 vezes por semana pelos autores da escala (Grubbs et al., 2015).

Do mesmo modo, o número reduzido de indivíduos que refere ter sido exposto a pornografia infantil “de forma não intencional” (10,2%), não permite análises da influência da mesma ao nível das cognições testadas.

3.6 Estudo II – IAT Criança/Sexual e Controlo/Sexual: em Inspetores/Técnicos que contactam com pornografia Infantil (comparados a amostra universitária).

3.6.1 Procedimento

3.6.1.1 Materiais e Design

O segundo estudo manteve o formato e design do primeiro estudo, no entanto, por terem sido encontrados alguns efeitos positivos no IAT Criança/Sexual, no primeiro estudo, acrescentaram-se no final do estudo os seguintes Itens da escala *MOLEST* (Bumby, 1996):

- a) Algumas crianças estão dispostas e ansiosas para ter atividade sexual com adultos.
- b) Algumas crianças podem agir de forma muito sedutora.
- c) Algumas vezes são as crianças que iniciam o contacto sexual.
- d) Algumas crianças gostam de sexo com adultos porque os faz sentir desejados e amados.
- e) Se uma criança olha para os genitais de um adulto, a criança está provavelmente interessada em sexo.

Face aos itens expostos os participantes dispunham de uma escala de 4 pontos (1 representava Discordo fortemente e 4 Concordo fortemente). Esta modificação permitirá sinalizar a presença de distorções cognitivas associadas à teoria Implícita “a

criança como ser sexual”, o que poderia justificar a presença de resultados positivos no IAT Criança/Sexual, sem existir interesse sexual em crianças.

Pela baixa consistência os itens da escala social do inventário CPUI 9 + social foram excluídos, aplicando-se apenas o inventário CPUI 9. Em relação ao Material e Design estas foram as únicas alterações entre os dois estudos.

3.6.2 Participantes

3.6.2.1 Caracterização da Amostra

A amostra é constituída por 14 inspetores e técnicos (46.3%), dos quais um foi excluído (>10% de trials resolvidos em <300 ms), e 16 participantes voluntários, recolhidos através da base de dados do grupo de Cognição Social da Faculdade de Psicologia (53.3%).

A amostra de inspetores e técnicos é composta por 13 indivíduos, em que 8 são do sexo masculino (61.5%) e 5 são do sexo feminino (38.5%), com idades entre os 30 e os 55 anos ($M=42.846$, $DP = 7.267$). Identificam-se na sua totalidade como heterossexuais. A maioria encontra-se numa relação amorosa, apenas 1 indivíduo refere estar solteiro (7.7%).

Relativamente à amostra universitária, esta é composta por 16 participantes voluntários, 3 do sexo masculino (18.8%) e 13 do sexo feminino (81.2%), com idades entre os 20 e os 39 anos ($M = 25.563$; $DP = 5.072$). Nesta amostra 11 identificam-se como heterossexuais (87.5%), 1 como bissexual (6.3%) e 1 como homossexual (6.3%); 9 encontram-se numa relação amorosa (56.3%) e 7 encontram-se solteiros (43.7%). Utilizando o teste *t-student* para amostras independentes verificámos a existência diferenças significativas na idade dos participantes entre grupos ($t(27) = 7.532$; $p = .00$).

3.6.3 Caracterização do consumo de pornografia e exposição a pornografia infantil nos grupos técnicos e inspetores e amostra universitária

Foram calculadas a frequência de participantes que visualizam pornografia para cada grupo (Tabela 6) e calculada a estatística qui-quadrado (χ^2). A análise do consumo de pornografia em função do grupo (Técnicos e Inspetores x Amostra Universitária) não revelou diferenças significativas ($\chi^2 = .386$, $p = .534$).

Tabela 5 – CONSUMO DE PORNOGRAFIA EM FUNÇÃO DO GRUPO

Grupo * Vê pornografia através da Internet?

		Vê pornografia através da Internet?		Total
		Sim	Não	
Grupo	Técnicos e Inspetores	8	5	13
	Amostra Universitária	8	8	16
Total		16	13	29

Dos participantes que consomem pornografia foram calculadas as médias quanto ao tempo e a frequência do consumo para cada grupo (Tabela 7). O teste de diferenças U de Mann-Whitney revelou que não existem diferenças nas distribuições da mediana do tempo de consumo ($U = 40.5$; $p = .152$; $r = .1$) entre inspetores e técnicos ($Mdn = 10$) e a amostra universitária ($Mdn = 25$). Novamente a frequência média de consumo de pornografia é relativamente baixa para os dois grupos sendo a média correspondente a “de 1 a 3 vezes” por semana para os inspetores e técnicos e “de 4 a 7 vezes” para a amostra universitária (Tabela 6).

Tabela 6 – TEMPO MÉDIO DE VIZUALIZAÇÃO DE PORNOGRAFIA E FREQUÊNCIA DE VIZUALIZAÇÃO EM FUNÇÃO DO GRUPO

		Em média quanto tempo dedica à visualização de pornografia de cada vez?		Quantas vezes por semana visualiza pornografia?*
Grupo				
Técnicos e Inspetores	Média	11.429		1
	N	7		8
	Desvio-padrão	8.9974		.0000
Amostra Universitária	Média	30.625		2
	N	8		8
	Desvio-padrão	28.4853		1,1650
Total	Média	21.667		1.375
	N	15		16
	Desvio-padrão	23.2092		.8851

- a variável “quantas vezes por semana visualiza pornografia” é medida em intervalos. O valor 1 corresponde a “de 1 a 3 vezes por semana” e 2 corresponde a “de 4 a 7 vezes por semana”

Considerando todos os participantes como um grupo voltamos a encontrar diferenças significativas no consumo de pornografia, em função do género ($\chi^2 = 9.151$, $p = .00$). Tal como exposto no estudo anterior, 90.90% dos homens referem consumir pornografia em geral, enquanto que nas mulheres apenas 33.33% refere consumir.

No que diz respeito à exposição a pornografia de infantil, como tem sido referido, o grupo de inspetores e técnicos tem um contacto prolongado com esta no decurso da sua atividade profissional (analisando milhares de ficheiro de imagem e vídeo com conteúdos de Pornografia de crianças). Na população académica, dos 8 participantes (50%) que indicam visualizar pornografia na internet, apenas 2 (12.5%) referem ter sido expostos, “mas de forma não intencional” a conteúdos de pornografia infantil, pelo que não foi considerada nenhuma exposição prolongada nesta amostra.

3.7 Resultados Estudo II

3.7.1 Medição das Atitudes Implícitas

Os tempos de reação médios (*RTs*) e percentagem de erro foram calculados para cada *trial* em cada grupo. O procedimento de cálculo dos efeitos (*Dscores*), seguiu novamente, os passos propostos por Greenwald, Nosek & Banaji (2003) relativos ao cálculo do D_4 suprarreferidos, a prova de correção da fórmula utilizada para o cálculo no Excel foi novamente realizada a um participante escolhido aleatoriamente.

Os tempos de latência médios e frequência de erros encontram-se expostos para cada grupo, (Tabela 7 e 8 respetivamente). Realizaram-se novamente testes não-paramétricos para analisar os contrastes dos tempos de latência entre blocos de ensaios.

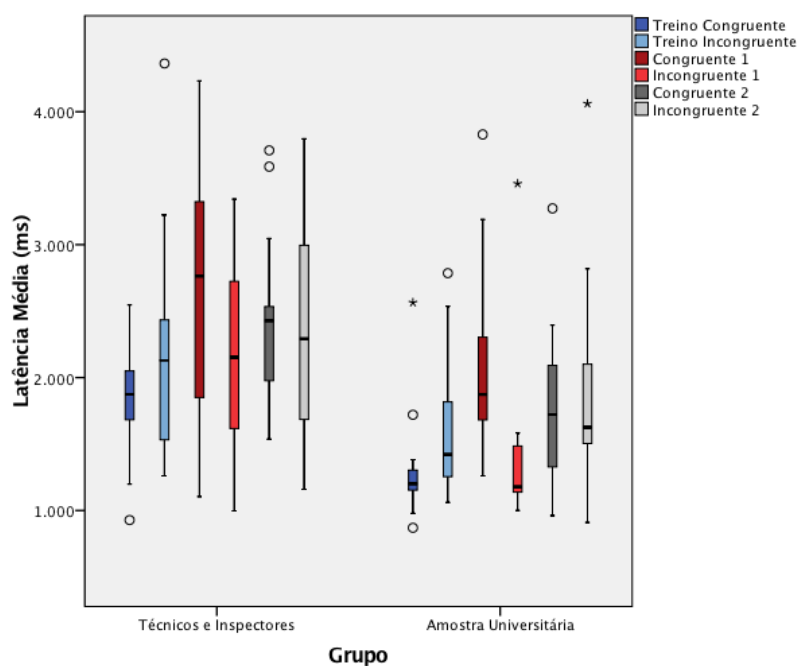


Figura 2 – Distribuição dos tempos de latências em cada Bloco de ensaios em função do Grupo.

No grupo inspetores e técnicos, o teste de diferenças Wilcoxon (*ranked test*) revelou a existência de contrastes entre os Blocos Congruente 1 (Mdn=2763.444) e Incongruente 1 (Mdn = 2153.158) marginalmente significativos ($Z= 2.691$; $p = .07$; $r = .4$), os contrastes entre as medianas nos blocos de treino congruente (Mdn = 1873.947) e treino incongruente (Mdn = 2153.158) ($Z= .943$; $p=.345$.; $r= .1$) e nos blocos Congruente 2 (Mdn = 2427.300) e Incongruente 2 (Mdn= 2291.250) ($Z=.804$, $p= .422$.; $r = .1$) não foram significativos.

Tabela 7 - TEMPOS DE LATÊNCIA E FREQUÊNCIAS DE ERRO NO GRUPO INSPETORES E TÉCNICO

	Treino Congruente	Treino Incongruente	Congruente 1	Incongruente 1	Congruente 2	Incongruente 2
Média Rt's (ms)	1297.64	1590.92	2052.52	1388.88	1778.93	1864.17
Frequência de Erros por par de blocos (%)		13.75		12.03		11.09

Estes dados revelam que os inspetores foram mais céleres a categorizar estímulos no Bloco Incongruente 1 face ao Bloco Congruente 1, ou seja quando os conceitos “Criança e Não Sexual” e “Adulto e Sexual” estão emparelhados, nos restantes blocos esta análise não é possível pela não existência de diferenças

significativas.

No grupo de amostra universitária, o teste de Wilcoxon (*ranked test*) revelou a existência de contrastes entre os tempos de latência medianos dos Blocos treino congruente ($Mdn = 1201.172$) e treino incongruente ($Mdn = 1421.633$) marginalmente significativos ($Z = 2.741$; $p = .06$; $r = .7$), os contrastes entre os tempos de latência medianos dos Blocos Congruente 1 ($Mdn = 143.633$) e Incongruente 1 ($Mdn = 1872.383$) ($Z = 3.51$; $p = .00$; $r = .9$) foram significativos. Relativamente aos contrastes entre os tempos de latência medianos dos Blocos Congruente 2 ($Mdn = 1721.761$) e Incongruente 2 ($Mdn = 1626.163$) ($Z = .776$, $p = .438$; $r = .2$) estes não se revelaram significativos. Estes dados revelam que os participantes da amostra académica foram mais rápidos a categorizar estímulos no Bloco Treino Congruente do que no Treino Incongruente, ou sejam, são mais céleres na categorização de estímulos quando os conceitos “Planta e Agradável” e “Inseto e Desagradável estão associados”.

Tabela 8 - LATÊNCIA MÉDIAS E FREQUÊNCIA DE ERROS DO GRUPO AMOSTRA UNIVERSITÁRIA

	Treino Congruente	Treino Incongruente	Congruente 1	Incongruente 1	Congruente 2	Incongruente 2
Média Rt's (ms)	1868.15	2189.51	2711.50	2159.47	2457.93	2388.54
Frequência de Erros por par de blocos (%)	8.653		11.154		5.92	

Os resultados também indicam que os participantes foram mais rápidos a categorizar estímulos na condição Incongruente 2 face à condição congruente 2, quando os estímulos “Criança e Não Sexual” e “Adulto e Sexual” se encontram emparelhados.

Comparando a distribuição dos tempos de latência médios de cada Bloco entre grupos, através do teste de Mann-Whitney U, verificamos que a amostra universitária foi mais rápida na execução do Bloco de Treino Congruente ($U = 38$; $p = .03$; $r = .54$), Incongruente ($U = 59$; $p = .05$, $r = .37$), Bloco Incongruente 1 ($U = 36$, $p = .05$; $r = .55$), Bloco congruente 2 ($U = 40$; $p = .00$; $r = .52$) e no Bloco Incongruente 2 ($U = 58$, $p = .045$, $r = .37$) face ao grupo de inspetores e técnicos. No Bloco Congruente 1, quando “Criança e sexual” e “Adulto e Não sexual” se encontram emparelhados, a distribuição das medianas dos tempos de latência é igual entre os dois grupos ($U = 63$, $p = .075$, $r = .33$)

A consistência interna, foi calcula à semelhança do estudo anterior utilizando cada

latência entre blocos como uma variável, o IAT Planta/agradável apresentou uma excelente consistência interna ($\alpha = .817$), já o IAT Criança/Sexual apresentou uma consistência moderada ($\alpha = .633$) e o Controlo/Sexual uma consistência muito baixa ($\alpha = .415$). Convenções actuais sugerem que valores de consistência interna interitem de .8 (20% de erro) ou maior representa uma boa consistência (Cronbach, 1951) no entanto muitas escalas utilizadas continuam nos valores que rondam .70 (ver Robinson, Shaver, & Wrightsman, 1991).

Considerando os *Dscores*, o grupo de inspetores e técnicos apresenta um valor relativamente baixo no IAT Planta/Agradável ($D = 0.313$; $SE = .181$), um Efeito moderado negativo no IAT Criança/Sexual ($D = -.631$, $SE = .085$) e um efeito baixo negativo no IAT Controlo(/Sexual ($D = -.145$; $SE = .109$). Estes valores expressam uma maior celeridade na condição congruente no primeiro IAT, ou seja, quando “planta e agradável” e “inseto e desagradável” estão emparelhados, sugerindo uma maior associação destes conceitos na rede cognitiva dos participantes. Do mesmo modo expressam uma maior celeridade na condição incongruente nos IATs restantes, quando “Criança e Não Sexual” e “Adulto e Sexual”, tal como “Controlo e Não Sexual” e “Perda de Controlo e Sexual” estão emparelhados.

A amostra universitária apresenta um valor relativamente superior no IAT Planta/Agradável ($D = .381$; $SE = .138$), um Efeito negativo no IAT Criança/Sexual ($D = -.6791$; $SE = .086$) e um efeito quase inexistente negativo no IAT Controlo(/Sexual ($D = -.0395$; $SE = .137$). Estes valores expressam uma maior celeridade na condição congruente no primeiro IAT, ou seja, quando “planta e agradável” e “inseto e desagradável” estão emparelhados. Do mesmo modo expressam uma maior celeridade na condição incongruente nos IATs restantes, quando “Criança e Não Sexual” e “Adulto e Sexual”, tal como “Controlo e Não Sexual” e “Perda de Controlo e Sexual” estão emparelhados.

A análise de diferenças nos efeitos encontrados, através teste de Mann-Whitney U revela que para os Grupos Amostra Universitária ($Mdn = .399$) e Inspetores e Técnicos ($Mdn = .218$) não existem diferenças significativas nas distribuições das medianas do efeito do IAT de treino ($U = 114$; $p = 0,682$; $r = .08$), o mesmo acontece ($Mdn = -.128$; $-.153$ respetivamente) para o IAT Controlo/Sexual ($U = 126$; $p = .351$; $r = .179$).

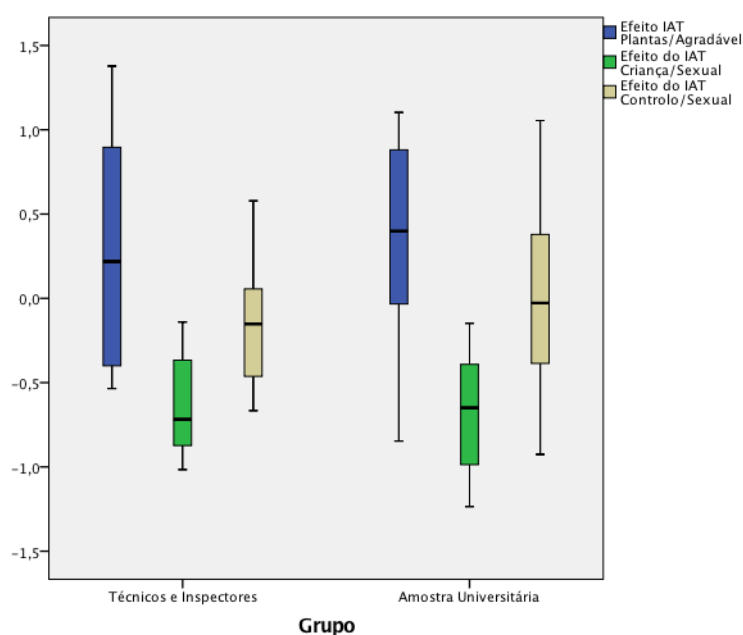


Figura 3 - Distribuição dos Dscores na Amostra Universitária e nos Inspectores e Técnicos

Para os Grupos Amostra Universitária (Mdn = -.649) e Inspectores e Técnicos (Mdn = -.718) não existem diferenças significativas na distribuição das medianas do efeito do IAT Criança/Sexual ($U = 99$; $p = .846$; $r = .157$), sugerindo que a organização da rede de associações cognitivas, relativamente aos conceitos testados é igual. Considerando a amostra como um todo os participantes apresentam um *Dscore* positivo no IAT Planta agradável ($D = .351$; $SE = .109$) moderado negativo ($D = -.657$; $SE = .059$) no IAT Criança/Sexual e um efeito fraco negativo no IAT Controlo/Sexual ($D = -.043$; $SE = .09$). O facto de não existirem diferenças significativas sugere que a exposição de longa duração a pornografia infantil, nos inspetores e técnicos, não promove maior associação entre os conceitos Criança e Sexual ou Perda Controlo e Sexual na rede cognitiva dos indivíduos

3.7.2 Relação entre variáveis: idade do parceiro ideal sexual e amoroso e efeitos do IAT Criança/Sexual.

As médias e desvios-padrão da idade ideal do parceiro sexual e do parceiro romântico foram calculadas para os diferentes grupos (Tabela 9). Utilizando o teste U de Mann-Whitney, verificámos que os inspetores e técnicos (Mdn= 40.25) preferem

parceiros sexuais mais velhos ($U= 25$, $p=.00$, $r= -.76$) face à amostra universitária que prefere parceiros sexuais mais novos ($Mdn =25$). Também nos parceiros amorosos os inspetores e técnicos ($Mdn = 40$) preferem parceiros sexuais mais velhos ($U= 25$, $p=.00$, $r= -.8$) que a amostra universitária ($Mdn = 26$).

Tal como no estudo anterior as variáveis idade do parceiro sexual ($\rho=.706$; $p=.00$) e romântico ($\rho=.884$; $p=.00$) revelam correlações altas com a idade do participante. Sugerindo que os participantes preferem parceiros românticos e sexuais de idades próximas à sua explicando as preferências referidas no parágrafo anterior. A idade ideal do parceiro sexual e do parceiro romântico apresentam uma correlação elevada entre si ($\rho= .887$, $p= .00$).

Tabela 9 - MÉDIAS E DESVIO-PADRÃO DA IDADE IDEAL DO PARCEIRO SEXUAL E DO PARCEIRO ROMÂNTICO NA AMOSTRA UNIVERSITÁRIA E NO GRUPO DE INSPETORES E TÉCNICOS.

Grupo	Qual a idade ideal do(a) seu(sua) parceiro(a) sexual? ... Anos		Qual a idade ideal do(a) seu(sua) parceiro(a) amorosa? ... Anos	
Técnicos e	Média	40.17		40.25
Inspectores	Desvio-padrão	4.988		4.901
Amostra	Média	25.54		25.77
Universitária	Desvio-padrão	5.681		2.682
Total	Mean	32.56		32.72
	Desvio-padrão	9.120		8.314

O coeficiente de *Spearman* não demonstrou correlações para a idade do parceiro sexual ($\rho=.132$; $p= .852$), ou para a idade do parceiro romântico ($\rho=0,093$; $p=.850$) com a medida implícita (Apêndice VI - Correlações entre a Idade do participante, a medida explícita e o efeito do IAT Criança/Sexual).

3.7.3 Medidas complementares

3.7.3.1 Itens das distorções cognitivas

Foi calculada a consistência interna para os itens que abordam a distorção cognitiva a criança como ser sexual, os itens revelaram uma boa consistência interna ($\alpha = .754$).

O Índice da distorção cognitiva em cada participante foi calculado através do somatório dos valores dos itens da escala. O Índice de distorção cognitiva apresentou valores médios relativamente baixos para os dois grupos ($M = 6.1$; $DP = 1.7$). Não foram encontradas diferenças significativas no Índice de distorção ($U = 128$; $p = .308$; $r = .3$) entre inspetores e técnicos ($Mdn = 5$) e a amostra universitária ($Mdn = 5.5$). O Índice também não revela correlações significativas com o IAT criança sexual ($\rho = -.170$; $p = .379$) (Apêndice VII – Correlação entre Índice da distorção cognitiva e o efeito do IAT Criança/Sexual).

3.7.3.2 CPIU 9 – Inventário de uso de Cyber Pornografia

A escala apresentou uma consistência interna razoável ($\alpha = .713$). Os valores médios das escalas foram calculados para cada grupo (tabela 10). Os técnicos e inspetores ($Mdn = 9$) apresentam valores mais baixos no inventário CPUI 9 face à amostra universitária ($Mdn = 14$) ($U = 56$; $p = .01$; $r = .65$).

Grupo	Mean	N	Std. Deviation
Técnicos e Inspetores	9.6250	8	1.061
Amostra Universitária	14.3750	8	4.41
Total	12.0000	16	3.945

Tabela 10 – VALORES MÉDIOS NO INVENTÁRIO DE USO CYBER PORNOGRAFIA NOS INSPECTORES E TÉCNICOS E NA AMOSTRA UNIVERSITÁRIA

Neste segundo estudo o CPUI 9 apresenta uma associação forte com o tempo de visualização de pornografia ($\rho = .772$; $p = .00$) e uma associação marginalmente significativa com a frequência de visualização por semana ($\rho = .636$; $p = .08$). (Apêndice VII – Correlação entre o CPUI, a frequência semanal de consumo e tempo de visualização de pornografia).

3.8 Discussão do Estudo II

Os resultados sugerem que a exposição prolongada a pornografia infantil, no âmbito da profissão, não promove maior associação implícita dos conceitos Criança e Sexual, pois não foram encontradas diferenças significativas no efeito de D (no IAT Criança/Sexual) entre as duas amostras recolhidas. A exposição repetida a este tipo de conteúdos parece não afetar os resultados do efeito no IAT quando comparados com uma amostra universitária, esclarecendo a quarta hipótese colocada.

Foram encontradas diferenças significativas nos tempos de latência dos blocos entre os grupos, a amostra universitária foi, em geral, mais rápida na categorização de estímulos. A maior celeridade poderá ser explicada pela diferença significativa de idades dos participantes em cada grupo ($t(27) = 7.532$; $p = .00$). Grupos de indivíduos mais novos são geralmente mais céleres na realização das tarefas de categorização face a grupos de indivíduos mais velhos (*age-related slowing*; ex. Brinley, 1965; Faust *et al.*, 1999; Ratcliff, 2000) no entanto, esta maior celeridade não se traduziu num efeito de D maior, nos respetivos IATs.. Note-se que o abrandamento relacionado com a idade face a alterações implicadas nas tarefas só é uma causa de diferenças significativas nos efeitos do IAT quando a idade de um grupo excede o limite etário de 75+ e em comparação a participantes nas faixas etárias dos 18 aos 29 (Hummert *et al.*, 2002).

O IAT Criança/Sexual foi o único a produzir diferenças significativas entre a distribuição nos tempos de latência duas condições de estudo (bloco congruente 1 e incongruente 1) para os dois grupos, foi igualmente o único com um efeito relativamente robusto na amostra total ($D = -.657$, $SE = .059$), sugerindo uma associação mais forte entre os conceitos “Adulto e Sexual” e “Criança e Não sexual” na rede cognitiva dos indivíduos com interesse sexual em adultos. No entanto, novamente não foram encontradas correlações com as medidas explícitas escolhidas (tanto para a idade ideal do parceiro sexual, como para o índice de distorção cognitiva), havendo um suporte parcial da segunda hipótese de estudo.

Os restantes IATs não produziram diferenças significativas entre blocos resultando em valores de D baixos. No entanto, apesar de ser um efeito baixo, no IAT Planta agradável ($D = 0,351$; $SE = 0,109$) este apresenta uma elevada consistência interna ($\alpha = .817$) e sugere uma maior associação entre “Planta e Agradável” e “Inseto e Desagradável”, suportando a primeira hipótese colocada.

O IAT Controlo/Sexual apresentou um efeito negativo muito baixo ($D = -.043$; $SE = .09$), pelo tamanho do efeito, pela baixa consistência interna e ausência de diferenças significativas entre as latências de blocos o efeito produzido não é robusto. Este IAT utiliza duas categorias na negativa (Não Sexual e Perda de Controlo) o que pode comportar maior erro experimental, como suprarreferido, o que poderá ser o responsável pelo fraco efeito encontrado, pela fraca consistência interna e a ausência de diferenças entre blocos.

De forma idêntica ao estudo anterior, verificámos uma correlação elevada entre a idade do participante e a idade ideal do parceiro sexual, tal como com a idade ideal do parceiro romântico. Também em consonância com o estudo anterior a análise do consumo de pornografia em função do género apresentou diferenças significativa, sendo os homens os que mais referem consumir pornografia, esta tendência parece ser encontrada noutros estudos (ex. Hald, 2006; Træen & Nielsen, 2006, Carrol et al. 2008). Não foram encontradas relações entre o consumo de pornografia e as cognições implícitas testadas, no entanto não existe grande variabilidade dos dados no que toca à frequência de consumo de pornografia, havendo necessidade de estudos posteriores na abordagem da quinta hipótese colocada, nomeadamente a replicação do estudo com indivíduos com consumo mais elevado de pornografia em geral ou com consumo de tipos específicos de pornografia.

Neste segundo estudo o CPUI 9 apresenta uma associação positiva forte com o tempo de visualização de pornografia ($\rho = .772$; $p = .10$) e uma associação marginalmente significativa com a frequência de visualização por semana ($\rho = .636$; $p = .08$), suportando parcialmente a sexta hipótese colocada.

Limitações

O consumo continuado de pornografia não-desviante parece não se correlacionar com as associações implícitas testadas, no entanto variáveis importantes como o tipo de pornografia consumida não foram controladas, e devido a limitações associadas ao tamanho reduzido da amostra e baixo efeito obtido no IAT Controlo/Sexual estes dados devem ser interpretados com cautela.

Como limitação principal temos novamente o tamanho da amostra que não permite uma análise generalizável dos dados obtidos. No caso do índice de distorção

cognitiva (itens da escala MOLEST) a pouca variabilidade nos dados não permite um teste adequado da correlação desta com os resultados de D dos IAT's Criança/Sexual.

Os inspetores e Técnicos que contactam com pornografia infantil representam um grupo de voluntários pelo que não deverão ser considerados representativos da classe profissional. Os efeitos baixos de D encontrados e a ausência de contrastes significativos nos blocos dos IATs de Planta/Agradável e Controlo/Sexual nos Inspetores e Técnicos apela a uma reavaliação dos estímulos utilizados nos mesmos e à não relevância de comparações nestes IATs entre grupos.

IV Discussão Geral

A primeira hipótese colocada encontrou suporte nos dois estudos realizados, apesar de se ter traduzido em efeitos baixos no IAT Planta/Agradável ($M = 0,189$; $SE = 0,058$ e $D = 0,351$; $SE = 0,109$, respetivamente) sugerindo uma preferência por Plantas face a Insetos. Esta preferência por Plantas face a Insetos tem sido amplamente replicada na literatura da cognição implícita (e.g., Greenwald et al, 1998, Karpinsri & Hilton, 2001) sendo este IAT algumas vezes utilizado como bloco de treino por produzir efeitos consistentes (ex. Brown et al. 2009). Funciona assim, no presente contexto, como uma forma de verificar uma adequação mínima da presente implementação do IAT.

Propusemos também que indivíduos com interesse sexual em adultos (medido pela idade ideal do parceiro sexual) seriam mais céleres na categorização de estímulos quando “Criança e Não Sexual” e “Adulto e Sexual” se encontram emparelhados, sendo esta maior celeridade espelhada no efeito do IAT Criança/Sexual criado. Tanto no estudo I ($D = -.55$; $SE = .062$) como no Estudo II ($D = -.657$; $SE = .059$) encontramos suporte para esta hipótese, apesar de não ter sido encontrada uma correlação entre a medida implícita e a idade ideal do parceiro sexual reportada pelos participantes. Os efeitos encontrados sugerem uma maior associação entre o conceito Adulto e Sexual tal como criança e não sexual na rede cognitiva dos indivíduos com interesse sexual em adultos. A variável idade ideal do parceiro sexual revelou-se altamente associada à idade do participante, sugerindo que os indivíduos preferem parceiros sexuais com as idades próximas às suas e sugerindo que o interesse sexual das amostras testadas não é desviante. Estes dados demonstram algum potencial do instrumento na medição do

interesse sexual não-desviante. O IAT Criança/Sexual apresentou nos dois estudos uma consistência interna moderada ($\alpha = .699$; $\alpha = .633$ respetivamente)

As associações reveladas nos dois estudos são contrárias às reportadas por estudos indivíduos com interesse sexual em crianças, como suprarreferido (ex. Mihailides , 2003; Brown, Gray & Snowden, 2009; O’Ciardha,2010) , sugere-se assim o teste empírico dos IATs criados numa amostra prisional de agressores sexuais de crianças ou consumidores de pornografia infantil, para que se possam retirar inferências sobre o seu potencial de utilização dos como ferramenta complementar na avaliação do interesse sexual desviante.

Relativamente ao IAT Controlo/Sexual, no segundo estudo, especificamente nos inspetores e técnicos a diferença entre as latências nos blocos congruente e não congruente não se revelou significativa. De forma complementar, o IAT produziu efeitos muito baixos no estudo II ($D = -.043$; $SE = 0,09$) e no estudo I ($M = -.189$; $SE = 0,058$), apresentou também a menor consistência interna dos dois estudos ($\alpha = .569$; $\alpha = .413$ respetivamente). Apesar de ser um efeito baixo este sugere uma maior associação cognitiva dos conceitos perda de controlo e sexual tal como controlo e não Sexual, pelo menos no primeiro estudo. Não foi utilizada nenhuma medida explícita pelo que a análise de associações entre o efeito obtido neste IAT e a medida explícita da distorção cognitiva *uncontrollability* não foi realizada. De futuro uma replicação que tenha em consideração este facto, poderá analisar a sua relação.

O segundo estudo parece indiciar que a exposição prolongada a pornografia infantil não promove uma maior associação na rede cognitiva entre Criança e Sexual na medida em que não foram encontradas diferenças significativas entre a amostra universitária e o grupo de inspetores e técnicos, os segundos no âmbito da sua profissão estão sujeitos a uma exposição prolongada a este tipo de conteúdos, respondendo á quarta hipótese colocada.

Relativamente ao consumo de pornografia em ambos os estudos encontramos diferenças significativas em função do género ($\chi^2 = 10.725$, $p = .001$; $\chi^2 = 9.151$, $p = .01$ respetivamente), indicando que geralmente mais homens referem consumir pornografia face às mulheres, tendência já encontrada também na literatura acerca da temática (Hald, 2006; Træen & Nielsen, 2006, Carrol *et al.* 2008). Nos dois estudos o consumo de pornografia médio referido foi baixo e apenas no segundo encontramos uma correlação do tempo de visualização de cada vez ($r = 0,772$; $p = .00$) e da frequência de

consumo semanal ($r=0,636$; $p = .08$) com o inventário do uso de cyber pornografia sugerindo uma confirmação apenas parcial da sexta hipótese colocada. Estudos com uma amostra diversificada (indivíduos com consumos diversos de pornografia) seriam benéficos para a validação do inventário do uso de cyber pornografia – versão reduzida (CPUI 9). O baixo consumo de pornografia reportado pelos participantes não permitiu uma análise da sexta hipótese colocada.

O tipo de pornografia consumida não foi medido em nenhum dos dois estudos. Numa eventual replicação seria interessante explorar a relação entre o consumo de conteúdos de pornografia específicos e as associações implícitas aqui testadas.

4.1 Limitações Gerais

O tamanho da amostra apresenta-se como limitação transversal aos dois estudos, que recorreram a amostras reduzidas. A ausência de relação entre a medida explícita e implícita impede afirmar que o IAT criado mede efetivamente o interesse sexual em criança, e não apenas a direção das associações nas cognições testadas. Existiram além das limitações suprarreferidas nos dois estudos, limitações que são transversais à utilização de medidas Implícitas como o IAT.

A ordem de apresentação dos estímulos foi contrabalançada, no entanto a ordem de apresentação dos blocos nos diferentes IATs e de apresentação dos diferentes IATs não o foi. A investigação sugere que a ordem de apresentação dos blocos dos IATs em tarefas de aplicação em série pode influenciar os efeitos encontrados (Greenwald, Nosek & Bananji, 2003). Medidas de IAT tendem a produzir associações mais fortes quando os conceitos são apresentados na primeira tarefa combinada do que na segunda, sendo sugerido que sejam contrabalançados a ordem de apresentação dos blocos congruente e incongruentes em metade da amostra, e no caso de aplicar vários IATs que esse balanceamento seja tido em consideração. Este tipo de contra-balanceamento poderia resultar no aumento dos efeitos aqui encontrados, especificamente no IAT Criança/Sexual dado o primeiro bloco ter revelado menores associações face ao segundo.

A falta de um modelo teórico consistente na explicação dos efeitos do IAT e das estruturas cognitivas envolvidas torna-se problemática especificamente na aferição do que mede exatamente o IAT testado. Por medir forças associação implícita de conceitos

depreende-se que essas forças sejam o reflexo de esquemas. No entanto como a relação entre esquemas e interesse sexual é, muito provavelmente, complexa e multifacetada, continua pouco claro se um IAT desenhado para medir componentes de associação nessa rede é discreto o suficiente para compreender algo mais que a orientação (O’Ciardha, 2010) dessas mesmas associações. Consideremos por exemplo o IAT criança/sexual que pretende medir o interesse sexual em crianças, um indivíduo com distorções cognitivas acerca da criança e da sua capacidade de decidir sobre comportamentos sexuais pode revelar efeitos positivos no IAT. No entanto um indivíduo com a distorção cognitiva *entitlement* e interesse sexual em crianças (sem a distorção que envolve a criança e a sua capacidade decidir/tomar iniciativa em comportamentos sexuais) pode também apresentar um efeito igual. De futuro a aplicação de uma escala de distorções cognitivas poderá auxiliar na distinção destas situações.

Nos dois estudos não foi realizado um controlo da saliência e valência das palavras utilizadas, o que em alguns casos pode influenciar o efeito do IAT obtido (Rothermund & Wentura; 2001, 2002; De Houwer ; 2001) de futuro o controle destas variáveis seria aconselhado. Como já referido a utilização de categorias na negativa pode ser feita, a custo de introduzir uma possível fonte de erro experimental (por utilizar categorias que não representa um oposto real) por um lado, por outro também é referido que a utilização de categorias na negativa aumenta a saliência da categoria, sendo mais fácil categorizar itens quando esta está associada a uma categoria de valência negativa também (ex. Desagradável).

A medida escolhida como medida explícita não apresentou correlações com o IAT Criança e Sexual em nenhum dos estudos realizados. A literatura científica neste contexto demonstra que IATs como o aqui testado, apresentam geralmente correlações moderadas com medidas explícitas como o interesse sexual auto-relatado, variáveis do histórico de comportamento sexual. Sugere-se a utilização de uma medida explícita mais apropriada para avaliar o interesse sexual em estudos futuros de modo a obter correlações significativas.

4.2 Sugestões para o futuro

No sentido de superar algumas das limitações aqui encontradas encontram-se na literatura algumas sugestões de interesse que as poderão solucionar:

a) Apesar do esforço para manter a categoria na negativa o mais consistente possível, a sua utilização acarreta sempre algum erro experimental associado ou problemas metodológicos, seja pela maior saliência desta ou pelo modo de categorização do estímulo. Para contornar a utilização de categorias na negativa sugere-se uma replicação do estudo em formato single-attribute IAT (ver Penke, Eichstaedt & Asendorpf sobre a sociosexualidade 2006). Utilizando apenas os alvos relacionados com Criança, Adulto, Controlo e Perda de Controlo e atributos com Sexual. A questão do IAT Controlo/Perda de controlo é mais complexa de resolver, no entanto uma versão Single-attribute IAT em que só se utilizaria uma categoria na negativa já representaria um avanço.

b) A literatura refere que as medidas implícitas de avaliação do interesse sexual em crianças apresentam correlações moderadas com o autorrelato, variáveis relacionadas com o histórico de agressão sexual, medidas de interesse sexual baseadas no tempo de visualização (Babchinsin *et al.*, 2010; Banse *et al.* 2009; Schmidt *et al.*, 2011). A utilização de uma escala abrangente acerca do interesse sexual que aborde o interesse sexual auto-relatado em crianças, a existência de fantasias envolvendo crianças, a frequência de masturbação a estas fantasias e se inquirindo os indivíduos se fariam sexo com crianças poderá apresentar melhores correlações do que a variável aqui utilizada com o IAT.

c) É importante determinar que constructos são efetivamente avaliados por estes IATs tal como outras medidas implícita e explorar o lugar que ocupam, como funcionam e se interrelacionam as medidas explícitas, implícitas e também fisiológicas no interesse sexual em crianças.

V Conclusões

A presente investigação apresenta assim um primeiro passo no esclarecimento das associações implícitas que envolvem a criança e a sua capacidade para tomar decisões/ter iniciativa acerca de comportamentos sexuais, numa amostra não-forense portuguesa. Através da criação de um teste de associação implícita, que pretende medir o interesse sexual em crianças, em português. O IAT criado permitiu encontrar efeitos moderados negativos em indivíduos com interesse sexual em adultos, sugerindo uma maior associação dos conceitos na condição incongruente (Criança e Não Sexual e

Adulto e Sexual) opondo-se (como seria de esperar) aos efeitos encontrados na literatura internacional com amostras de agressores sexuais de crianças ex. Mihailides , 2003; Brown, Gray & Snowden, 2009; O’Ciardha,2010). No entanto mais investigação é necessária, para avaliar o potencial do mesmo, especificamente quanto à sua capacidade de medir efetivamente o interesse sexual em crianças, e não apenas associações na rede dos indivíduos), dado não termos encontrado correlações com a variável explícita escolhida ou com os itens que abordam as distorções cognitivas na teoria Implícita “A criança como ser sexual”. A sugestão de que a associação entre estas cognições está relacionada com esquemas específicos e com a excitação sexual necessita de ser explorada por investigações futuras.

Na ausência da teoria implícita “a criança como ser sexual” ou de interesse sexual em crianças, a presente investigação parece indicar que a exposição prolongada a pornografia infantil, no âmbito da profissão, não promove uma maior associação implícita entre as cognições referidas pois não foram encontradas diferenças significativas entre inspetores e técnicos, que contactam frequentemente com conteúdos de pornografia infantil e a amostra universitária no IAT Criança/Sexual, reforçando o potencial de utilização desta metodologia na medição do interesse sexual desviante. Contudo replicações do estudo são aconselhadas, dado o tamanho reduzido da amostra.

Estudos como o aqui realizado permitem uma maior compreensão das associações implícitas que envolvem a criança e a sua capacidade de tomar decisão/iniciativa em comportamentos sexuais, ressaltando e explorando a complexidade da relação das mesmas com o interesse sexual. As medidas de associação implícita, apesar de carecerem de investigação, e de muitas vezes serem ignoradas, apresentam um potencial elevado de utilização no meio forense, como medida complementar na avaliação do interesse sexual em crianças.

Referências Bibliográficas:

Abel, G. G., Becker, J. V., & Cunningham-Rathner, J. (1984). Complications, consent, and cognitions in sex between children and adults. *International Journal of Law and Psychiatry*, 7(1), 89-103.

Babchinshin, K. M., Hanson, K. R. & Chantal, A. H. (2010) The Characteristics of Online Sexual Offenders: a Meta-analysis. *Sex Abuse: A Journal Of Research and Treatment*, 23(1), 92 - 123.

Banse, R., Schmidt, A., & Clabour, J. (2009). Indirect Measures of Sexual Interest in Child Sex Offenders: A Multi-Method Approach. *Criminal Justice and Behavior*, 37, 319-335.

Banse, R., Seise, J., & Zerbes, N. (2001). Implicit attitudes towards homosexuality: Reliability, validity, and controllability of the IAT. *Zeitschrift für Experimentelle Psychologie*, 48, 145– 160.

Bosson, J. K., Swann, W. B., & Pennebaker, J. W. (2000). Stalking the perfect measure of implicit self-esteem: The blind men and the elephant revisited? *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 631-643.

Brown, A. S., Gray, N. S., & Snowden, R. J. (2009). Implicit Measurement of Sexual Associations in Child Sex Abusers: Role of Victim Type and Denial. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 21(2), 166-180.

Bumby, K. M. (1996). Assessing the cognitive distortions of child molesters and rapists: Development and validation of the MOLEST and RAPE scales. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 8, 37-54.

Burns, C., Morley, J., Bradshaw, R., & Domene, J. (2008). The emotional impact on and coping strategies employed by police teams investigating Internet child exploitation. *Traumatology*, 14(2), 20-31.

Carroll, J.S., Padilla-Walker, L.M., Nelson, L.J. et al. Generation XXX: Pornography acceptance and use among emerging adults. *J Adolesc Res.* 2008; 23: 6–30

De Houwer, J. (2001). A structural and process analysis of the Implicit Association Test. *Journal of Experimental Social Psychology*, 37, 443–451.

Devine, P. G., Plant, E. A., Amodio, D. M., Harmon-Jones, E., & Vance, S. L. (2002). The regulation of explicit and implicit race bias: The role of motivations to respond without prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 835– 848.

Egloff, B., & Schmukle, S. (2002). Predictive validity of an implicit association test for assessing anxiety. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 1441–1455. doi:10.1037/0022- 3514.83.6.1441.

Finkelhor, D. (1984). *Child sexual abuse*. New York: The Free Press.

Geer, J. H., & Bellard, H. S. (1996). Sexual content induced delays in unprimed lexical decisions: Gender and context effects. *Archives of Sexual Behavior*, 25(4), 379-395.

Geer, J. H., & Melton, J. S. (1997). Sexual content-induced delay with double-entendre words. *Archives of Sexual Behavior*, 26(3), 295-316.

Gray, N. S., Brown, A. S., MacCulloch, M. J., Smith, J., & Snowden, R. J. (2005). An implicit test of the associations between children and sex in pedophiles. *Journal of Abnormal Psychology*, 114, 304 –308.

Gray, N. S., Brown, A. S., MacCulloch, M. J., Smith, J., & Snowden, R. J. (2005). An Implicit Test of the Associations Between Children and Sex in Pedophiles. *Journal of Abnormal Psychology*, 114(2), 304-308.

Greenwald, A. G., & Nosek, B. A. (2001). Health of the Implicit Association Test at age 3. *Zeitschrift für Experimentelle Psychologie*, 48, 85–93.

Greenwald, A. G., Banaji, M. R., Rudman, L. A., Farnham, S. D., Nosek, B. A., Mellott, D. S. (2002). A unified theory of implicit attitudes, stereotypes, self-esteem, and self concept. *Psychological Review*, 109, 3–25.

Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. L. K. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The implicit association test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1464-1480.

Greenwald, A. G., Nosek, B. A., & Banaji, M. R. (2003). Understanding and using the Implicit Association Test: I. An improved scoring algorithm. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2), 197-216.

Greenwald, A. G., Poehlman, T. A., Banaji, M. R., Uhlmann, L. E. (2009) Understanding and using the Implicit Association test: III. Meta-Analysis of Predictive Validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 97, No. 1, 17– 41.

Greenwald, A. G., McGhee, D. E. & Schwartz, J. L. K. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The Implicit Association Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1464–1480.

Greenwald, A. G., McGhee, D. E. & Schwartz, J. L. K. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The Implicit Association Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1464–1480.

Grubbs, J. B., Sessoms, J., Wheeler, D.M., & Volk, F. (2010). The Cyber-Pornography Use Inventory: The development of a new assessment instrument. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 17(2), 106–126.

Grubbs, J. B., Volk, F., Exline, J. J. & Pargament (2015) Internet Pornography use: Perceived Addiction, Psychological Distress, and the validation of a brief measure. *Journal of Sex and Marital therapy*, 41(1), 83-106

Hald, G. M. (2006). Gender differences in pornography consumption among young heterosexual Danish adults. *Archives of Sexual Behavior*, 35, 577–585.

Hanson, K.R., Gizzarelli, R., & Scott, H. (1994). The attitudes of incest offenders: Sexual entitlement and acceptance of sex with children. *Criminal Justice and Behaviour*, 21(2), 187-202.

Hummert, M. L., Garstka, T. A., O'Brien, L. T., Greenwald, A. G., & Mellott, D. S. (2002). Using the Implicit Association Test to measure age differences in implicit social cognitions. *Psychology and Aging*, 17, 482–495.

Janssen, E., Everaerd, W., Spiering, M., & Janssen, J. (2000). Automatic processes and the appraisal of sexual stimuli: Toward an information processing model of sexual arousal. *Journal of Sex Research*, 37(1), 8-23.

Kalmar, D. A., & Sternberg, R. J. (1988). Theory knitting: An integrative approach to theory development. *Philosophical Psychology*, 1, 153–170.

Kim, D.-Y., & Greenwald, A. G. (1998, May). Voluntary controllability of implicit cognition: Can implicit attitudes be faked? Paper presented at the annual meeting of the Midwestern Psychological Association, Chicago.

Laws, D. R., & Marshall, W. L. (1990). A conditioning theory of the etiology and maintenance of deviant sexual preference and behavior. In H. E. Barbaree (Ed.), *Handbook of sexual assault: Issues, theories, and treatment of the offender*. (pp.209-229). New York, NY, US: Plenum Press.

Lemm, K. M., Lane, K. A., Sattler, D. N., Khan, S. R. **and** Nosek, B. A. (2008). Assessing implicit cognitions with a paper-format Implicit Association Test. *The psychology of modern prejudice*. Hauppauge, NY, US: Nova Science Publishers, pp. 123–146.

Mann, R., & Beech, A. (2003). Cognitive Distortions, Schemas, and Implicit Theories In T. Ward, D. R. Laws & S. M. Hudson (Eds.), *Sexual Deviance: Issues and Controversies* (pp. 135-153). London: Sage.

Marsh, K., Johnson, B., & Scott-Sheldon, L. (2001). Health versus reason in condom use: Implicit versus explicit attitudinal predictors of sexual behavior. *Zeitschrift fur Experimentelle Psychologie*, 48(2), 161-175.

Marziano, V., Ward, T., Beech, A.R. & Pattison, P. (2006). Identification of five fundamental implicit theories underlying cognitive distortions in child abusers: A preliminary study. *Psychology, Crime and Law*, 12, (1), 97-105.

Mihailides (2003) *Implicit Cognition Cognitive Distortions and Sexual Offending*. Unpublished Doctorate Thesis. University of Melbourne.

Mihailides, S., Devilly, G. J., & Ward, T. (2004). Implicit cognitive distortions and sexual offending. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment*, 16(4), 333-350.

Neidigh, L., & Krop, H. (1992). Cognitive distortions among child sexual offenders. *Journal of Sex Education and Therapy*, 18, 208–215.

Nosek, B. A., Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (2007). The Implicit Association Test at Age 7: A Methodological and Conceptual Review. In J. A. Bargh (Ed.), *Automatic processes in social thinking and behavior* (pp. 265-292). New York, NY, US: Psychology Press.

Nunes, K. L., Firestone, P., & Baldwin, M. W. (2007). Indirect assessment of cognitions of child sexual abusers with the Implicit Association Test. *Criminal Justice and Behavior*, 34(4), 454-475.

Nunes, K. L.I, Firestone, P., Baldwin, M. (2007) Indirect Assessment of Cognitions of Child Sexual Abusers With the Implicit. *Criminal Justice and Behavior*, 34, 454-475

O’Ciardha, C. (2009). Uses of implicit cognitive measures in the assessment of sex offenders. *Dissertação Doctoral não publicada*, Universidade Trinity, Dublin.

Oliveira, M., & Miranda, M. P. (2012). Paradigma: Teste de associação implícita. *Laboratório de Psicologia*, 10(2), 235-249.

Paul, B., & Linz, D. (2008). The effects of exposure to virtual child pornography on viewer cognitions and attitudes toward deviant sexual behavior. *Communication Research*, 35(1), 3–38.

Pennington, B. F. (2002). *The development of psychopathology : nature and nurture*. New York ; London: The Guilford Press.

Penke, L., Eichstaedt, J., & Asendorpf, J. B. (2006). Single Attribute Implicit Association Tests (SA-IAT) for the assessment of unipolar constructs: The case of sociosexuality. *Experimental Psychology*, 53, 283–291.

Price, S. (2005). *Measuring the Deviant Schema of Sexual Offenders: A Stroop Replication Study*. Unpublished Masters, Carleton University.

Robbinson, J. P., Shaver, P. R., Wrightsman, L.S. (1991) *Measures of Personality and Social Psychological Attitudes*. Measures of Social Psychological Attitudes, 1, New York.

Rothermund, K., & Wentura, D. (2001). Figure–ground asymmetries in the Implicit Association Test (IAT). *Zeitschrift für Experimentelle Psychologie*, 48, 94–106

Smith, P., & Waterman, M. (2004). Processing Bias for Sexual Material: The Emotional Stroop and Sexual Offenders. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment*, 16(2), 163-171.

Smith C.T, , Nosek B. A.(2011) Affective focus increases the concordance between implicit and explicit attitudes. *Social Psychology*. 2011;42:300–313

Spiering, M., Everaerd, W., & Laan, E. (2004). Conscious Processing of Sexual Information: Mechanisms of Appraisal. *Archives of Sexual Behavior*, 33(4), 369-380.
Underwood, G. (Ed.) (1996). *Implicit cognition*. Oxford: Oxford University Press.

Ward, T. (2000). Sexual offenders' cognitive distortions as implicit theories. *Aggression and Violent Behavior*, 5(5), 491-507.

Ward, T., & Beech, A. (2006). An integrated theory of sexual offending. *Aggression and Violent Behavior*, 11(1), 44-63.

Ward, T., & Keenan, T. (1999). Child molesters' implicit theories. *Journal of Interpersonal Violence*, 14(8), 821-838.

Ward, T., Fon, C., Hudson, S. M., & McCormack, J. (1998). A descriptive model of dysfunctional cognitions in child molesters. *Journal of Interpersonal Violence*, 13, 129-155.

Ward, T., Gannon, T. A., & Keown, K. (2006). Beliefs, values, and action: The judgment model of cognitive distortions in sexual offenders. *Aggression and Violent Behavior*, 11(4), 323-340.

Ward, T., Hudson, S. M., Johnston, L., & Marshall, W. L. (1997). Cognitive distortions in sex offenders: An integrative review. *Clinical Psychology Review*, 17(5), 479-507.

Ward, T., Keown, K., & Gannon, T. A. (2007). Cognitive distortions as belief, value and action judgements. In T. A. Gannon, T. Ward, A. Beech & D. Fisher (Eds.), *Aggressive Offenders' Cognition: Theory, Research and Practice*. Sussex, UK: Wiley.

Whelpton (2012) The psychological effect experienced by computer forensic examiners working with child pornography.(tese de Mestrado não publicada). University of South Africa.

Young, K. (2008). Internet sex addiction. Risk factors, stages of development, and treatment. *American Behavioral Scientist*, 52(1), 21-37.

Caro participante,

Escreva as 10 primeiras palavras que lhe ocorrem ao pensar nas categorias abaixo definidas, tem 2 minutos para o fazer pelo que pedimos que seja célere. Para tal apresentamos o exemplo já preenchido abaixo; pode escrever qualquer palavra que lhe ocorra ao pensar na categoria exemplo. Não existem respostas corretas ou erradas, tente ser o mais genuíno possível.

Exemplo.

Planta

Árvore

Malmequer

Margarida

Rosa

Eucalipto

Folha

Flor

Raiz

Caule

...

Criança

Adulto

Sexual

Não Sexual

Controlo

Perda de Controlo

Pornografia

Internet

Apêndice II – Pré-teste: Pré-teste: avaliação das médias de representatividade para cada estímulo

Tabela 11 – MÉDIAS DE REPRESENTATIVIDADE DAS PALAVRAS FACE À CATEGORIA CORRESPONDENTE

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Paciente	13	4,00	5,00	4,6154	,50637
Serenidade	13	1,00	5,00	4,0000	1,29099
Contenção	13	2,00	5,00	4,6923	,85485
Calma	13	3,00	5,00	4,4615	,87706
Limite	13	,00	5,00	3,0769	2,06000
Loucura	13	3,00	5,00	4,6923	,63043
Caos	13	4,00	5,00	4,9231	,27735
Revolução	13	2,00	5,00	3,7692	1,09193
Acidente	13	1,00	5,00	3,9231	1,32045
Impulsividade	13	3,00	5,00	4,6154	,76795
Homem	13	3,00	5,00	4,6154	,65044
Maior	13	1,00	5,00	4,0769	1,18754
Competente	13	3,00	5,00	4,3077	,75107
Mulher	13	4,00	5,00	4,7692	,43853
Responsabilidades	13	4,00	5,00	4,6923	,48038
Menino	13	4,00	5,00	4,8462	,37553
Inocente	13	4,00	5,00	4,6154	,50637
Menor	13	3,00	5,00	4,4615	,77625
Brinquedos	13	4,00	5,00	4,6923	,48038
Infantilidade	13	3,00	5,00	4,5385	,77625
Masturbar	13	4,00	5,00	4,9231	,27735
Erecção	13	3,00	5,00	4,6923	,63043
Excitar	13	,00	5,00	4,2308	1,42325
Lamber	13	,00	5,00	3,2308	1,53590
Orgasmo	13	4,00	5,00	4,9231	,27735
Ler	13	1,00	5,00	4,3077	1,25064
Limpar	13	2,00	5,00	4,5385	,96742
Exercitar	13	,00	5,00	4,0769	1,55250
Sarcasmo	13	2,00	5,00	4,2308	1,01274
Cordão	13	,00	5,00	4,1538	1,40512
Mastigar	13	,00	5,00	4,0769	1,65638
Valid N (listwise)	13				

Apêndice III – Conjunto de Palavras-estímulo por cada categorias nos IATs criados

Tabela 12 – CONJUNTO DE PALAVRAS ESTÍMULO POR CATEGORIA NOS IATS

Categorias	Palavras/ <i>Trials</i>
Planta	Nenúfar, Lírio, Pinheiro, Malmequer, Rosa
Inseto	Barata, Libelinha, Mosca, Mosquito, Louva-a-deus
Agradável	Sorrir, Feliz, Sorte, Piada, Honesto
Desagradável	Ódio, Azar, Pobreza, Feio, Vômito
Criança	Menor, Menino, Brinquedos, Menina, Infância
Adulto	Maior , Responsabilidade , Homem, Maduro , Mulher
Sexual	Pénis, Vagina, Excitar, Orgasmo, Masturbar
Não Sexual	Pedra, Bandeira, Planta, Lua, Bicicleta
Controlo	Comandar, Vigilância, Contenção, Equilíbrio, Ordem
Perda de Controlo	Impulsividade, Desequilíbrio, Caos, Desordem, Descontrolar

Apêndice IV - Correlações entre Idade, medida explícita e Efeito do IAT Criança/Sexual no Estudo I

Tabela 13 – CORRELAÇÕES ENTRE IDADE DO PARTICIPANTE, A IDADE IDEAL DO PARCEIRO SEXUAL, A IDADE DO E O EFEITO DO IAT CRIANÇA/SEXUAL (ESTUDO 1)

			Idade	Qual a idade ideal do(a) seu(sua) parceiro(a) sexual? ... anos	Qual a idade ideal do(a) seu(sua) parceiro(a) amorosa? ... anos	Efeito IAT Criança/Sexual
Spearman's rho	Idade	Correlation Coefficient	1	,871**	,884**	-,085
		Sig. (2-tailed)	.	,000	,000	,523
		N	59	55	56	59
	Qual a idade ideal do(a) seu(sua) parceiro(a) sexual? ... anos	Correlation Coefficient	,871**	1	,960**	-,091
		Sig. (2-tailed)	,000	.	,000	,508
		N	55	55	55	55
	Qual a idade ideal do(a) seu(sua) parceiro(a) amorosa? ... anos	Correlation Coefficient	,884**	,960**	1,	-,099
		Sig. (2-tailed)	,000	,000	.	,470
		N	56	55	56	56
	Efeito IAT Criança/Sexual	Correlation Coefficient	-,085	-,091	-,099	1,000
		Sig. (2-tailed)	,523	,508	,470	.
		N	59	55	56	59

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Apêndice V - Correlações entre o CPUI 9, a frequência de consumo de pornografia e o tempo de visualização de cada vez no estudo I

Tabela 14 – CORRELAÇÕES ENTRE O CPUI9, A FREQUÊNCIA E O TEMPO DE CONSUMO DE PORNOGRAFIA NO ESTUDO I

Correlations					
			GVEPTOTAL	Em média quanto tempo dedica à visualização de pornografia de cada vez?	Quantas vezes por semana visualiza pornografia?
Spearman's rho	CPUI 9 TOTAL	Correlation Coefficient	1,000	,289	,187
		Sig. (2-tailed)	.	,082	,267
		N	37	37	37
	Em média quanto tempo dedica à visualização de pornografia de cada vez?	Correlation Coefficient	,289	1,000	,066
		Sig. (2-tailed)	,082	.	,699
		N	37	37	37
	Quantas vezes por semana visualiza pornografia?	Correlation Coefficient	,187	,066	1,000
		Sig. (2-tailed)	,267	,699	.
		N	37	37	37

Apêndice VI – Correlações entre a Idade do participante, a medida explícita e o efeito do IAT Criança7Sexual no estudo II

Tabela 15 – CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS IDADE DO PARTICIPANTE, IDADE IDEAL DO PARCEIRO SEXUAL, IDADE IDEAL DO PARCEIRO ROMANTIO E EFEITO DO IAT CRIANÇA/SEXUAL NO ESTUDO II

Correlations						
			Idade	Qual a idade ideal do(a) seu(sua) parceiro(a) sexual? ... Anos	Qual a idade ideal do(a) seu(sua) parceiro(a) amorosa? ... Anos	Efeito do IAT Criança/Sexual
Spearman's rho	Idade	Correlation Coefficient	1,000	,788**	,904**	-,082
		Sig. (2-tailed)	.	,000	,000	,671
		N	29	29	29	29
	Qual a idade ideal do(a) seu(sua) parceiro(a) sexual? ... Anos	Correlation Coefficient	,788**	1,000	,920**	-,036
		Sig. (2-tailed)	,000	.	,000	,852
		N	29	29	29	29
	Qual a idade ideal do(a) seu(sua) parceiro(a) amorosa? ... Anos	Correlation Coefficient	,904**	,920**	1,000	-,037
		Sig. (2-tailed)	,000	,000	.	,850
		N	29	29	29	29
	Efeito do IAT Criança/Sexual	Correlation Coefficient	-,082	-,036	-,037	1,000
		Sig. (2-tailed)	,671	,852	,850	.
		N	29	29	29	29

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Apêndice VII – Correlação entre o Índice de distorção e o Efeito do IAT Criança/Sexual no estudo II

Tabela 16 – CORRELAÇÕES ENTRE O ÍNDICE DE DISTORÇÃO E O EFEITO DO IAT CRIANÇA/SEXUAL NO ESTUDO II

Correlations				
		Índice de Distorção		
		Efeito do IAT Criança/Sexual		
Spearman's rho	Índice de Distorção	Correlation Coefficient	1,000	-,170
		Sig. (2-tailed)	.	,379
		N	29	29
	Efeito do IAT Criança/Sexual	Correlation Coefficient	-,170	1,000
		Sig. (2-tailed)	,379	.
		N	29	29

Tabela 17 – MÉDIAS E DESVIOS-PADRÃO DA DISTORÇÃO COGNITIVA NO ESTUDO II

Grupo		Índice de distorção
Técnicos e Inspectores	Média	5,6154
	Desvio-padrão	1,04391
Amostra Universitária	Média	6,5000
	Desvio-padrão	2,09762
Total	Média	6,1034
	Desvio-padrão	1,73915

Apêndice VIII – Correlação entre o CPUI9, a frequência semanal de consumo e o tempo de visualização de pornografia no estudo II

Tabela 18 - CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS FREQUENCIA SEMANAL DE CONSUMO DE PORNOGRAFIA, TEMPO DE VISUALIZAÇÃO E CPUI9 TOTAL NO ESTUDO II

Correlations					
		Em média quanto tempo dedica à visualização de pornografia de cada vez?	Quantas vezes por semana visualiza pornografia?	CPUI 9 TOTAL	
Spearman's rho	Em média quanto tempo	Correlation Coefficient	1,000	,690**	,772**
	dedica à visualização de	Sig. (2-tailed)	.	,004	,001
	pornografia de cada	N	15	15	15
	vez?				
	Quantas vezes por	Correlation Coefficient	,690**	1,000	,636**
	semana visualiza	Sig. (2-tailed)	,004	.	,008
	pornografia?	N	15	16	16
	CPUI 9 TOTAL	Correlation Coefficient	,772**	,636**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,001	,008	.
		N	15	16	16

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo I - Consentimento informado na plataforma SoSci



Caro participante,

Vimos pedir a sua cooperação num questionário que explora o modo como as pessoas categorizam certos estímulos (como palavras e atributos). A sua participação é um contributo para o aumento do conhecimento científico que contempla a forma como categorizamos o mundo no nosso dia-a-dia.

A sua participação é voluntária. Pode desistir a qualquer momento da tarefa fechando esta página. Se concordar em participar, os dados pessoais recolhidos serão analisados de forma confidencial e anónima, de acordo com os princípios éticos e deontológicos a que o investigador se encontra sujeito, destinando-se exclusivamente para fins científicos. O tratamento dos dados recolhidos será sempre conduzido de forma agregada, ou seja, a análise estatística é realizada ao nível de valores agregadas através dos diversos participantes (e.g., médias de resposta).

Por favor preencha o questionário apenas uma vez. Para o sucesso do estudo é de extrema importância que siga minuciosamente algumas instruções gerais que lhe serão dadas. O questionário demora cerca de 10 minutos a completar. Por favor **não se apresse. Leia cuidadosamente as instruções iniciais** e depois, durante o estudo, preste atenção às instruções que vão surgindo no ecrã. **Pedimos ainda que não saia, mude ou altere esta página online durante a sua participação no estudo.**

☐ Considerando o acima descrito, dou o meu consentimento para participar no presente estudo de investigação.

Seguinte

[Marco Schaap](#), Universidade de Lisboa – 2015

Anexo II - Modelo de Instruções online dadas aos Participantes



Por favor coloque os seus dedos indicadores nas teclas D e K do teclado.

Seguidamente, na zona central do écran irão aparecer palavras, uma a uma. Para cada palavra deverá indicar (carregando na tecla D ou K) qual a categoria a que esta pertence (e.g., a palavra "rosa" pertence à categoria "planta"). As categorias surgem logo abaixo das palavras, à esquerda e à direita. Quando o item pertencer à categoria (ou a uma das categorias) da esquerda deverá pressionar a tecla D; quando o item pertencer à categoria (ou a uma das categorias) da direita deverá pressionar a tecla K. Note que cada item apenas pode pertencer a uma categoria.

O seu tempo de categorização de cada item será medido, pelo que deverá responder o mais rápido que conseguir. Tente cometer o menor número de erros possíveis.

Pressione D ou K para iniciar a tarefa

Planta / Agradável

Insecto / Desagradável

[Marco Schaap](#), Universidade de Lisboa – 2015



Pinheiro

Planta / Agradável

Insecto / Desagradável

[Marco Schaap](#), Universidade de Lisboa – 2015



Note que uma ou mais categorias abaixo trocaram de posição! Leia com atenção a nova combinação das categorias. Apesar desta alteração, as regras mantêm-se.

Continue a utilizar as teclas D para categorizar itens à esquerda e K para categorizar itens à direita. Lembre-se que cada item só pode pertencer a uma das categorias.

Pressione a tecla D ou a K para começar.

Planta / Desagradável

Insecto / Agradável

[Marco Schaap](#), Universidade de Lisboa – 2015

Anexo III - Inventário do Uso de Cyber Pornografia + Social (CPUI 9 + Social)

Inventário do Uso de CyberPornografia + Social
Grubbs, Volk, Exline & Pargament (2015)
(versão para investigação desenvolvida para Português por Schaap, Soeiro & Guerra
2015, com base na versão Britânica Grubbs et al. (2015))

Avalie as seguintes afirmações quanto ao grau em que concorda com as mesmas.

	Nada					Extremamente
1. Acredito que estou viciado em pornografia.	0	1	2	3	4	
2. Quando não quero utilizar pornografia online sinto-me atraído por ela.	0	1	2	3	4	
3. Sinto-me incapaz de parar o meu uso de pornografia online.	0	1	2	3	4	
4. Às vezes, altero o meu horário de modo a ficar sozinho para ver pornografia.	0	1	2	3	4	
5. Já recusei sair com amigos ou participar em eventos sociais para ver pornografia.	0	1	2	3	4	
6. Deixei prioridades importantes de lado para ver pornografia.	0	1	2	3	4	
7. Sinto-me envergonhado depois de ver pornografia online.	0	1	2	3	4	
8. Sinto-me deprimido depois de ver pornografia online.	0	1	2	3	4	
9. Sinto-me doente depois de ver pornografia online.	0	1	2	3	4	
10. Aumentei os riscos que tomo online (dar o nome e número de telemóvel, conhecer pessoas offline, etc.).	0	1	2	3	4	
11. Tenho um username sexualizado ou um nickname que uso na internet.	0	1	2	3	4	
12. Participei em Chats relacionados com sexo.	0	1	2	3	4	
13. Utilizo o humor sexual ou a insinuação com os outros quando estou online.	0	1	2	3	4	
14. Encontrei-me com pessoas cara-a-cara, que conheci online, com objectivos românticos.	0	1	2	3	4	